

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

FERNANDA CRISTINA DA SILVA ORO GIBERTO

RACISMO NA ARGENTINA: RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA

PONTA GROSSA
2024

FERNANDA CRISTINA DA SILVA ORO GIBERTO

RACISMO NA ARGENTINA: RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a Dra. Valeska Gracioso Carlos

PONTA GROSSA
2024

G422 Ghiberto, Fernanda Cristina da Silva Oro
Racismo na Argentina: resistência e reexistência / Fernanda Cristina da
Silva Oro Ghiberto. Ponta Grossa, 2024.
108 f.

Dissertação (Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - Área
de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade
Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos.

1. Racismo. 2. Diáspora. 3. Afroargentina. 4. Existência - reexistência. 5.
Linguagem. I. Carlos, Valeska Gracioso. II. Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

FERNANDA CRISTINA DA SILVA ORO GHILBERTO

RACISMO NA ARGENTINA: RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 07 de maio de 2024

Prof.^a Dra Valeska Gracioso Carlos – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto -Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dra Clóris Porto Torquato - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Felipe da Conceição Pinto, Usuário Externo**, em 07/05/2024, às 16:38, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Valeska Gracioso Carlos, Professor(a)**, em 08/05/2024, às 19:34, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Cloris Porto Torquato, Professor(a)**, em 14/05/2024, às 11:07, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

https://sei.uepg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2258607&infra_sistema... 1/2



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1927767** e o código CRC **8475581D**.

Dedico esta dissertação à minha mãe Felícia Martins da Silva, mulher, negra e professora, que resume tudo que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, dirijo minha profunda gratidão aos meus pais Felícia Martins da Silva e José dos Passos da Silva (*in memoriam*), pois eles foram a base de meu crescimento, fornecendo-me não apenas uma vida repleta de memórias valiosas, mas também os pilares educacionais que moldaram o ser humano que sou hoje. Cada sacrifício e cada lição de vida por eles transmitidos foram imprescindíveis para a minha formação e trajetória.

Ao meu filho que, mesmo brevemente em meu ventre, trouxe uma transformação profunda à minha existência. Sua partida precoce reconfigurou minha perspectiva sobre a vida e fortaleceu meu compromisso de tornar cada momento significativo.

Minha eterna gratidão ao meu marido, o alicerce constante em minha vida. A sua presença, seja nos momentos de celebração ou nos desafios, tem sido inestimável. Sua fé em minha capacidade e sua mão sempre estendida em apoio me impediram de desistir mesmo nos momentos mais difíceis.

Estendo meus sinceros agradecimentos à minha orientadora Valeska Gracioso. Sua orientação, confiança e amizade foram essenciais em minha caminhada acadêmica e seu apoio e sabedoria me guiaram nos momentos decisivos desse percurso.

Um especial agradecimento ao amigo Lucan Moreno cuja presença e apoio constante foram fundamentais em cada etapa deste desafio, sua camaradagem e comprometimento enriqueceram essa trajetória.

Ao meu querido amigo e colega de sala de aula Leonardo, estendo minha gratidão pelos momentos compartilhados, tanto nas salas de aula quanto fora delas, pois tornaram a pós-graduação uma experiência ainda mais enriquecedora, leve e divertida.

Larissa de Medeiros que começou como colega e se tornou uma amiga estimada, agradeço de coração pela solidariedade e pelas memórias que construímos juntas durante esse período.

Por fim, mas não menos importante, expresso minha profunda gratidão às professoras Ligia, Letícia, Clóris e Lucimar, a dedicação e paixão com que conduziram suas aulas foram inspiradoras. Seus ensinamentos, paciência e disposição para ouvir

quando precisei expressar minhas ideias e sentimentos contribuíram imensamente para minha formação e crescimento.

Agradeço também ao Professor Doutor Carlos Felipe pelas ótimas conversas e pela disposição em se deslocar da Bahia até aqui para minha qualificação, também pela amizade que cultivamos ao longo desse processo de formação acadêmica e humana, sou melhor depois de você.

O percurso do mestrado foi enriquecido pela contribuição de cada uma dessas pessoas e minha gratidão a todas é imensurável. Não citarei aqui todas as pessoas que cruzaram meu caminho, pois faltariam páginas, mas todas, todos e todes me deixaram algo que hoje levo comigo.

Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
Negra soy!
(Victoria Santa Cruz)

RESUMO

A cultura africana deixou suas marcas e representações em diferentes solos ao longo dos séculos, fato esse que é comprovado através da análise da cultura, da língua(gem), dentre outros. A presente pesquisa parte do mito da desapareição dos negros na Argentina e da frase, amplamente repetida por lá, “aqui não há negros”, para refletir e analisar a linguagem racista difundida na rede social Facebook, a crença de uma homogeneidade nacional e trazer à luz os movimentos de resistência presentes no país. Essa ideia foi perpetuada pela história oficial do país, aceita pelos cidadãos ditos “europeus”, propagada pela educação e pela mídia oficial e eternizada no imaginário popular. A cultura eurocêntrica e a crença de uma Argentina unicamente branca vêm, ao longo do tempo, invisibilizando, silenciando de forma violenta, excluindo e menosprezando as contribuições dos africanos e de seus descendentes na construção histórica e cultural do país. As expressões linguísticas ofensivas, a negação histórica da existência do negro, o apagamento das populações afrodescendentes e a falta de representatividade em todos os meios digitais configuram a cruel forma de perpetuação visível do racismo na Argentina. Os autores que embasam essa pesquisa são Eggers, 2006; Maffia e Tamagno, 2014; Hall, 2016; Mignolo, 2018; Bento, 2022, entre outros. A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi qualitativa com base em postagens, publicações e comentários retirados da rede social Facebook e como método de pesquisa foi utilizada a ferramenta lupa e, na barra de busca, a hashtag (#) precedida da palavra ou expressão de interesse ou somente a palavra. Após a elaboração deste trabalho, pode-se concluir que a Argentina é um país racista que apagou a história do negro e invisibilizou suas contribuições ao longo dos séculos e que essas atitudes ficam claras na linguagem racista que utilizam principalmente na internet. Além disso, também pode concluir que se as esferas governamentais investissem em educação muitos casos de racismo seriam denunciados e não silenciados e/ou minimizados. Pode-se ainda verificar que a Argentina negra/afroargentina existe e resiste com base nas diversas associações apresentadas neste trabalho. A África que tocou a Argentina foi apagada e é urgente quebrar o silenciamento da sociedade argentina frente ao racismo.

Palavras-chave: Racismo. Diáspora. Afroargentina. Existência e Reexistência. Linguagem.

RESUMEN

La cultura africana dejó sus huellas y representaciones en diferentes tierras a lo largo de los siglos, hecho que se verifica a través de la cultura, del lenguaje, entre otros. La presente investigación parte del mito de la desaparición de los negros en Argentina y de la frase ampliamente repetida "aquí no hay negros", para reflexionar y analizar el lenguaje racista difundido en la red social Facebook, la creencia de una homogeneidad nacional y alumbrar los movimientos de resistencia negra en el país. Esa noción fue perpetuada por la historia oficial del país, aceptada por los ciudadanos que se creen "europeos", propagada por la educación, por los medios oficiales y eternizada en el imaginario popular. La cultura eurocéntrica, así como la creencia de una Argentina exclusivamente blanca, han estado, a lo largo del tiempo, invisibilizando, silenciando de forma violenta, excluyendo y menospreciando las contribuciones de los africanos y sus descendientes en la construcción histórica y cultural del país. Las expresiones lingüísticas ofensivas, la negación histórica de la existencia del negro, el borrado de las poblaciones afro y la falta de representatividad en todos los medios digitales configuran la cruel forma de perpetuación visible del racismo en Argentina. Los autores que fundamentan esta investigación son Eggers, 2006; Maffia y Tamagno, 2014; Hall, 2016; Mignolo, 2018; Bento, 2022, entre otros. La metodología utilizada fue cualitativa y tuvo como fuente principal de investigación publicaciones y comentarios retirados de la red social Facebook. La conclusión que aquí llegamos es que Argentina es un país racista que a lo largo de los siglos ha silenciado y borrado las contribuciones de negros que allí estuvieron, estas actitudes quedan obvias cuándo analizamos el lenguaje utilizado en las redes sociales (Facebook). Además, también he llegado a la conclusión que si el gobierno hubiese hecho inversiones en educación, mucho casos de racismos se habría denunciado y no silenciados y disminuidos. La África, que tocó Argentina, fue borrada y es urgente romper el silencio de la sociedad argentina ante el racismo.

Palabras clave: Racismo. Diáspora. Afroargentina. Existencia y Reexistencia. Lenguaje.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ¿Me Estas Cargando?	33
FIGURA 2 - ¿Me Estas Cargando?.....	56
FIGURA 3 - ¿Me Estas Cargando?.....	57
FIGURA 4 - Mercedes Sosa	59
FIGURA 5 - Publicação sobre o roubo de uma moto	61
FIGURA 6 - Quando você é negro e acredita que tem direitos	64
FIGURA 7 - Não odeio quem recebe auxílio social	65
FIGURA 8 - Não vá se meter em confusão!.....	69
FIGURA 9 - Isso é buscar confusão	69
FIGURA 10 - Publicação de um cantor famoso	69
FIGURA 11 - Macri é Branco e tem Olhos Azuis.....	71
FIGURA 12 - Racismo não existe!.....	74
FIGURA 13 - Os comentários.....	74
FIGURA 14 - Publicação de INADI.....	75
FIGURA 15 - Comentários da publicação de INADI	75
FIGURA 16 - Lucía Molina	82
FIGURA 17 - Florentina F. de Cruela	88
FIGURA 18 - Angélica Rodrigues	90
FIGURA 19 - A Tia Rosa	91
FIGURA 20 - Senhor Mariano Miranda	92
FIGURA 21- Os Meninos de Nuñes	92
FIGURA 22 - Augusto Chalmont	93

LISTA DE SIGLAS

BBC: British Broadcasting Corporation.

BS: Buenos Aires.

CCIAA: Casa de Cultura Indo Afro Americana Mario Luis López.

CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Nações.

CERD: Comité para a Eliminação da Discriminação Racial-Nações Unida.

COFAVI: Comisión de Familiares de Víctimas Indefensas de la Violencia.

DANE: Departamento Administrativo Nacional de Estadísticas.

DATA: Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas.

GALCI: Alianza Global Latinocaribeña.

IAC: Consulta Inteligencia sobre Raça na América Latina.

INADI: Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo.

INDEC: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos-Argentina.

LE: Língua Espanhola.

UBA: Universidad de Buenos Aires – Argentina.

UEPG: Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPR: Universidade Federal do Paraná

UNLP: Universidad Nacional de la Plata.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA	24
1.1 TRAÇANDO O CAMINHO - UMA PERSPECTIVA CRÍTICA SOBRE OS NEGROS NA ARGENTINA.....	24
1.2 CONTRIBUIÇÕES ESSENCIAIS À COMPREENSÃO DAS TRAJETÓRIAS AFRO/AFRICANA NA ARGENTINA.....	26
1.3 A INFLUÊNCIA INTRÍNSECA DA CULTURA NA LINGUAGEM DA SOCIEDADE ARGENTINA	28
1.4 DESAFIANDO HEGEMONIAS: A JORNADA DECOLONIAL DA LINGUAGEM	30
1.5 METODOLOGIA	31
1.5.1 MÉTODO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS NO FACEBOOK.....	33
CAPÍTULO 2 – O ESPANHOL LATINO-AMERICANO E A AFROARGENTINA	35
2.1 O NEGRO NO ESPANHOL LATINO-AMERICANO.....	39
2.2 AFROARGENTINA - PANORAMA HISTÓRICO.....	42
CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO, CULTURA E RACISMO	50
3.1 TERMOS E EXPRESSÕES RACISTAS.....	52
3.2 NEGRO: DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS.....	54
3.3 “NEGRO DE MIERDA”.....	59
3.4 TRABALHAR COMO UM NEGRO	65
3.5 "QUILOMBO"	66
3.6 O PACTO.....	71
3.7 NÃO EXISTE RACISMO NA ARGENTINA.....	73
CAPÍTULO 4 – MOVIMENTOS CONVERGENTES	76
4.1 INDO DE ENCONTRO AO RACISMO: AS ASSOCIAÇÕES E A CONTÍNUA LUTA CONTRA O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO PROFUNDA NA ARGENTINA – INADI.....	78
4.2 LA SOCIEDAD DE SOCORRO MUTUOS UNIÓN CABOVERDEANA DE	

DOCK SUD.....	80
4.3 LA CASA DE CULTURA INDOAFROAMERICANA DE SANTA FÉ.....	81
CAPÍTULO 5 – REFLEXÕES SOBRE A LEI 11.645/08 NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESPANHOLA E ALGUMAS PROPOSTAS	84
5.1 A LEI 11.645/08 COMO FUNDAMENTO PARA O ENSINO ANTIRRACISTA DE LÍNGUA ESPANHOLA NO CONTEXTO ARGENTINO: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E PROMOVENDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL.....	85
5.2 CRIANDO OUTRA NARRATIVA	87
5.3 RECRIANDO HISTÓRIAS: UMA NOVA NARRATIVA.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXO A - RACISMO EM IMAGENS	105
ANEXO B - LISTA DE ASSOCIAÇÕES AFROARGENTINAS.....	108

INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa origina-se, em primeiro lugar, de uma perspectiva pessoal: sou uma mulher negra, casada com um argentino (Córdoba) e tenho vivenciado diretamente o contexto racista desse país. Em segundo lugar, como professora de língua estrangeira de escola pública, estou profundamente preocupada com a formação crítico-reflexiva dos estudantes da educação básica e, por consequência, dos estudantes de graduação na área de LE, considerando a profunda influência e relevância da linguagem nas interações humanas. Outro ponto importante que motiva esta pesquisa são as inúmeras situações racistas que já vivenciei na Argentina e que demonstram o quão ignorantes algumas pessoas ainda são com relação ao tema. Uma das situações se deu com uma criança que não devia ter mais do que dez anos e que estava junto de sua mãe. Tocaram-me, pois “tocar em um negro dá sorte”, disseram. Outra situação, e essa ocorreu várias vezes, ocorre nas ruas quando me pedem para tirar fotos comigo e repetiram que não há negros na Argentina, por isso a curiosidade. Isso aconteceu enquanto eu via uma criança negra cruzar a rua. Já me perguntaram se sou cigana, se sei sambar, se aqui só há negros, e até me mandaram estudar mais sobre a história da Argentina quando eu disse que havia, sim, negros no país.

Assim, para compreender melhor o racismo na Argentina, debruicei-me sobre os conceitos de cultura e linguagem (HALL, 2016) para que sejam norteadores da análise aqui proposta. A ideia de cultura implica compreender para além da cor da pele e, para Stuart Hall (2016, p. 20), podemos entender cultura como os “significados compartilhados” por meio dos quais as pessoas interpretam situações e agem de forma semelhante. Tendo em vista que para entender o racismo verdadeiramente em qualquer contexto é fundamental considerar os intrincados sistemas de significados culturais e a maneira como eles influenciam e perpetuam preconceitos e estereótipos em uma sociedade. Ao fazer isso, podemos começar a desvendar as camadas mais profundas das dinâmicas raciais e suas raízes em contextos específicos, como no caso da Argentina.

Esta pesquisa aspira a conduzir uma análise linguística e histórica sobre o racismo na Argentina, no entanto, este estudo não se limita a observações superficiais, mas se aprofunda no intrincado tecido sócio histórico do país, explorando as relações e experiências dos negros ao longo da história. Ao fazer isso, busco

entender como eventos passados e contextos culturais moldaram a percepção e o tratamento dos negros na sociedade argentina contemporânea.

Uma parte essencial desta investigação é a análise linguística, tendo a linguagem como um poderoso veículo de expressão e de construção identitária que, muitas vezes, reflete os preconceitos e ideologias arraigadas em uma sociedade. Ao examinar expressões racistas comumente utilizadas no cotidiano argentino e sua propagação na internet, mais especificamente na rede social Facebook, este estudo visa identificar, compreender e trazer à tona discussões e reflexões sobre o racismo no país.

Além de mapear e analisar tais expressões, é vital compreender as motivações, os contextos e as implicações subjacentes a esses discursos. A internet, como um espaço de interação social ampliado, serve como uma lente através da qual podemos observar e estudar os efeitos da propagação dessas ideias e hábitos racistas na linguagem. Como efeito, espero que esta pesquisa não só quebre o silenciamento da sociedade argentina com relação ao racismo, mas também inspire ações e diálogos que conduzam a uma sociedade que descentralize a hegemonia branca e respeite as contribuições negras para o país.

Portanto, o corpus deste trabalho, direcionado ao contexto argentino, é tanto estratégico quanto essencial. A Argentina possui um conjunto único de características culturais e históricas que moldam a percepção e a expressão do racismo dentro de suas fronteiras. Ao eleger esta nação como objeto de estudo, busco entender o racismo não apenas como uma série de palavras ou gestos isolados, mas como um fenômeno complexo e multifacetado que permeia crenças, atitudes, práticas cotidianas e a linguagem. É de suma importância entender que de fato o racismo vai além da linguagem, mas a palavra detém poder e tem influências significativas na perpetuação do racismo, principalmente quando ele se manifesta de maneira ampla e rápida como evidenciado pelas ações e discursos observados nas redes sociais virtuais. Essas plataformas, longe de serem meros canais de comunicação, tornaram-se palcos onde se expressam, desafiam e reforçam normas e valores culturais. No caso do Facebook, o racismo não é apenas comunicado, mas muitas vezes é normalizado, validado e compartilhado entre usuários, evidenciando como o preconceito racial está entranhado na cultura do país.

Enfim, ao analisar o racismo na Argentina, não estou apenas estudando uma série de comportamentos individuais, mas sim uma cultura coletiva. Em uma

sociedade onde os indivíduos frequentemente compartilham e reforçam ideias e atitudes racistas entre si, é crucial considerar o racismo não apenas como um problema individual, mas também como uma manifestação cultural que necessita de reflexão, diálogo e, acima de tudo, intervenção.

CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DA ESCRITA

Esta pesquisa se justifica pela importância de se compreender a estrutura racista existente na sociedade argentina por um viés sócio-histórico, cultural e linguístico. Tendo em vista a colonização desse país, pode-se destacar que a sociedade argentina foi fortemente influenciada pela chegada de imigrantes espanhóis e italianos, que deixaram marcas indeléveis na identidade nacional. No entanto, seria uma simplificação dizer que a cultura argentina foi formada apenas por essas influências, já que esses são responsáveis pelo apagamento das civilizações originárias (indígenas) que já habitavam o território antes da colonização europeia e posteriormente pelo apagamento proposital da população negra. Também se justifica pela necessidade de trazer a luz os movimentos de resistência que persistem dentro desse apagamento forjado pelas esferas governamentais e corroborado pela sociedade.

COMPREENSÃO DA INFLUÊNCIA INDÍGENA E AFRICANA

A presença indígena permeia vários aspectos da sociedade argentina e é visível em nomes de cidades como Neuquén, por exemplo, uma das principais da Patagônia Argentina. Seu nome é oriundo do mapudungun e significa "correntoso", demonstrando claramente a influência e a persistência das línguas e tradições dos povos originários no país. Por outro lado, a contribuição dos negros escravizados, vindos de diversas regiões da África e, em alguns casos, do Brasil, não é visível, pois foi ofuscada, minimizada e, por fim, apagada. Contudo, a presença negra é palpável, especialmente na linguagem e em aspectos culturais específicos, mas não é aceita. Essas influências africanas enriqueceram a cultura argentina, proporcionando uma profundidade e uma diversidade que só podem ser apreciadas quando reconhecidas e valorizadas. A negação da heterogeneidade pode ser observada o trecho que segue.

O modo de conceber a população local, de pensar os outros, engendrou uma tendência a negar qualquer heterogeneidade e a imaginar uma suposta homogeneidade nacional, europeia e branca. Dentre os muitos eventos de difícil compreensão na história argentina, um, certamente, é o da "desaparição" dos negros. Segundo parte da literatura existente, o "mistério da desapareição dos negros da Argentina" explica-se por um processo de invisibilização, de negação radical do outro, gerando uma forma particular de racismo. (Frigerio, 2006; Guber, 2002; Graham, 1990; Andrews, 1989 *apud* Dominguez, 2007, p. 108).

Este fenômeno do "mistério da desapareição dos negros da Argentina" não deve ser entendido como um mero desaparecimento físico ou demográfico, em vez disso, deve-se compreendê-lo como um processo complexo de invisibilização, em que a presença e a contribuição dos negros na sociedade foram sistematicamente silenciadas, minimizadas, ignoradas e, por fim, apagadas da narrativa histórica e cultural. Essas invisibilização e silenciamento não foram atos passivos ou acidentais, mas um projeto cultural forjado pela colonização, uma forma deliberada de excluir, de não reconhecer a legitimidade e a importância da população negra na formação da identidade nacional. Andrew aponta a resistência negra ao longo dos séculos em um país racista:

Poco se dice acerca de las asociaciones de ayuda mutua de los afroargentinos, que precedieron a las de los inmigrantes. Nada se dice de los negros escritores, artistas, intelectuales y periodistas que florecieron en la ciudad en el siglo XIX. En suma, un lector que confía únicamente en esas historias para el entendimiento de la historia afroargentina, puede derivar un cuadro de fracaso y desesperación de un pueblo que murió sin dejar logros ni realizaciones que los recuerden. (Andrews, p. 70, 1989)¹.

Seguindo a afirmação do autor, pode-se conceber que esse apagamento, ao longo do tempo, gerou uma forma particular de racismo no país, manifestado através da ausência de reflexão, do silenciamento, da negação da existência de pessoas negras e, acima de tudo, da influência na cultura e por consequência na linguagem, tendo em vista que uma não exclui a outra. Vale ressaltar que esse processo não se restringe ao passado, já que esta invisibilização proposital vem gerando repercussões

¹ Muito pouco se fala sobre as associações de ajuda mútua dos afroargentinos, que precederam as dos imigrantes. Nada é dito sobre os escritores, artistas, intelectuais e jornalistas negros que floresceram na cidade no século XIX. Em resumo, um leitor que confia apenas nessas histórias para compreender a história dos negros no país terá uma imagem de fracasso e desespero de um povo que morreu sem deixar conquistas ou realizações que os lembrem. (ANDREWS, p. 70, 1989, tradução nossa).

e discussões contemporâneas que tem influenciado algumas percepções e políticas públicas relacionadas à população negra na Argentina atual, conforme relatarei no capítulo cinco.

No que tange as manifestações racistas na linguagem, foco desta discussão, é possível ser evidenciada no discurso cotidiano a utilização pejorativa e generalizada do termo "negro". O uso deste termo, historicamente associado à cor da pele e à etnia, foi distorcido em muitas situações na Argentina para rotular e depreciar profissões, comportamentos e pessoas que, segundo determinados aspectos, são consideradas inadequadas ou até repugnantes.

Esse fenômeno linguístico não é apenas uma coincidência ou um detalhe trivial, ele reflete uma estrutura de poder e uma hierarquia racial na qual algumas pessoas "brancas" argentinas tentam afirmar uma "superioridade" ao reforçar e perpetuar estereótipos negativos associados ao termo "negro" que, automaticamente, se estende a pessoas de pele negra/escuro (afroargentinos)², criando e sustentando divisões sociais, violências e o racismo. Na Argentina, o termo negro deixa de ser um simples adjetivo para carregar consigo um peso histórico, social e cultural que revela as profundas raízes do racismo no país. Há uma estereotipagem visível na utilização do termo, para Hall (2016):

A estereotipagem facilita a "vinculação", os laços, de todos nós que somos "normais em uma "comunidade imaginária"; e envia para o exílio simbólico todos Eles, "os Outros", que são de alguma forma diferentes, "que estão fora dos limites". Mary Douglas (2014), por exemplo, argumentou que qualquer coisa que esteja "fora de lugar é considerada contaminada, perigosa, tabu. Os sentimentos negativos agrupam-se ao seu redor, é algo que deve ser simbolicamente excluído para que a "pureza" da cultura seja restaurada. (Hall, 2016, p. 192).

Partindo da visão do autor, o negro na Argentina é o outro. Esse outro reside no exílio histórico, cultural e linguístico do país. Por fim para melhor compreender o panorama que aqui pretendo desenhar é importante destacar um episódio da história Argentina que deve ser levado em consideração quando se aborda o tema racismo: o fato de o país ter servido como refúgio para aliados do nazismo após o término da Segunda Guerra Mundial, conforme relatado em reportagem pela BBC em 2020³.

² O termo é utilizado por descendentes de africanos nascidos na Argentina como uma reivindicação e reconhecimento de sua identidade.

³ BBC. Documentos revelam lista de nazistas que viveram na Argentina após saquear bens de judeus. 6 mar. 2020.

Esse evento, embora muitas vezes esquecido, também contribui para a formação identitária do país.

ENSINO CRÍTICO-REFLEXIVO DO ESPANHOL: RECONHECENDO E COMBATENDO O RACISMO LINGUÍSTICO NA ARGENTINA

Na presente pesquisa, a discussão central é o racismo na Argentina e a propagação por meio da internet, mais especificamente pela rede social Facebook, da linguagem racista. No entanto, não se limita apenas a esta reflexão, pois também se preocupa com o ensino de língua com base em uma abordagem crítico-reflexiva, uma vez que para ensinar uma língua racista há que se reconhecer o racismo dentro dela. Assim, buscamos adentrar o complexo terreno do racismo na Argentina não apenas tentando compreender suas manifestações e conseqüências, mas também suas implicações no ensino da Língua Espanhola.

Portanto, há aqui uma tentativa de aprofundar-se no estudo das relações étnico-raciais, pois elas são entrelaçadas à identidade, à cultura e, por extensão, à linguagem e todas estão conectadas quando se pensa no ensino de Língua. A abordagem pedagógica adotada no ensino da Língua Espanhola (LE) não deve ser desvinculada das questões raciais, sobretudo quando se considera a diversidade das culturas que compõem o contexto sociocultural da Argentina. Ensinar uma língua não é apenas transmitir estruturas gramaticais e vocabulário, é também refletir sobre a cultura, os valores, as histórias e as vivências que essa língua carrega.

Em suma, ao abordar o ensino de Língua Espanhola com base em uma perspectiva crítico-reflexiva, esta pesquisa busca iluminar o entrelaçamento da língua com questões de raça e racismo, tendo em vista que é imperativo reconhecer que o espanhol não está imune a expressões e construções linguísticas que perpetuam o racismo e outros preconceitos. Assim, ao ensinar o Espanhol tendo como base essa perspectiva torna-se possível levar o aluno a desafiar e questionar tais manifestações, proporcionando ferramentas para navegar, compreender e, eventualmente, desmantelar as estruturas discriminatórias presentes na Língua Espanhola.

Para tanto, é importante salientar que um ensino eficaz da Língua Espanhola deve incorporar e celebrar as diversas vozes e experiências presentes não só na Argentina, mas em toda América, desde os povos indígenas até as comunidades afros. Reconhecendo e valorizando essa pluralidade, podemos proporcionar uma

experiência de aprendizado mais rica, inclusiva, transformadora e decolonial, que não só desenvolve o ensino de língua, mas também chama a atenção para o respeito, a empatia e a valorização da diversidade, sem dissociar Língua de cultura.

OBJETIVO DA PESQUISA

- 1) Evidenciar que o racismo contra negros (as) existe na Argentina;
- 2) Analisar as expressões da língua(gem) que repercutem o racismo contra negros(as) em diferentes textos virtuais na rede social Facebook (postagens escritas, imagens, memes, comentários, etc.);
- 3) Refletir sobre o ensino de Língua com base em uma visão decolonial e crítico-reflexiva;
- 4) Trazer à luz os movimentos de resistência existentes na Argentina desde a chegada dos negros no país.

PERGUNTAS DA PESQUISA

- Como as expressões racistas frequentemente utilizadas no cotidiano argentino, e agora disseminadas através das redes sociais, refletem e reforçam a persistente noção de raça e hierarquia na sociedade argentina?
- De que maneira as expressões racistas encontradas nas redes sociais refletem as tensões e disputas raciais na sociedade argentina contemporânea?
- De que forma a educação na Argentina poderia contribuir para a conscientização e redução do racismo, especialmente em relação ao reconhecimento e valorização das contribuições afroargentinas na história e na cultura do país?
- De que modo os movimentos afroargentinos têm influenciado a cultura e a sociedade argentinas, particularmente no que se refere à quebra do silêncio sobre o racismo e na promoção de uma narrativa inclusiva?

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este texto está estruturado da seguinte maneira: uma introdução composta pelos motivos da escrita e, posteriormente, o contexto e justificativa da pesquisa aqui apresentada, subdividida pela influência dos indígenas e negros na sociedade argentina e precedida por um breve diálogo acerca do ensino de LE. Na sequência, apresento os objetivos e as perguntas da pesquisa. Os capítulos seguem da seguinte forma: no primeiro capítulo, dedico-me ao referencial teórico apresentando teorias, abordagens e perspectivas que nortearam a discussão que proponho, esta sessão está ancorada por autores como Eggers (2015), Tamagno y Maffia, (2014) Hall (2016) e Mignolo (2006, 2007, 2010). Faço uma subdivisão com a intenção de conectar os autores e os temas discutidos, assim, na sessão 1.1, chamada “Traçando o Caminho - Uma Perspectiva Crítica sobre os Negros na Argentina”, tem como base a obra de Eggers (2015), historiadora que relata a história da Argentina dos anos 1806 a 2006, compondo um pequeno trecho destinado a participação dos negros na batalha da independência. Esse material serviu de apoio para ampliar a ideia contida neste trabalho. O levantamento antropológico das autoras Tamagno y Maffia, (2014), da Universidade Nacional de La Plata (BS), nomeiam a sessão 1.2 intitulada “Contribuições Essenciais à Compreensão das Trajetórias Afro/Africana na Argentina”. Os estudos relativos à linguagem e cultura encontram-se na sessão 1.3 e são baseados em de Hall (2016), sociólogo britânico-jamaicano, e tem como título “A Influência Intrínseca da Cultura na Linguagem da Sociedade Argentina”. Na sessão 1.4, abordo a perspectiva decolonial, com base nos estudos do semiologista argentino Walter Mignolo (2006, 2007, 2010), intitulada “Desafiando Hegemonias: A Jornada Decolonial da Linguagem”, com o intuito de conectar a visão contra-hegemônica que vem se formando na sociedade argentina à proposta desta pesquisa, ampliando essa discussão no capítulo três. Por fim, para finalizar o capítulo, apresento a metodologia utilizada nesta pesquisa que se trata de uma pesquisa documental e qualitativa com base em Flick (2009), a qual pretende ser uma escolha estratégica para responder à necessidade de analisar profundamente os aspectos culturais e sociais manifestos nas práticas linguísticas de indivíduos nas redes sociais. Ainda neste item, justifico também o uso dos estudos relativos à sociolinguística, auxiliada pelos estudos de Cezario e Votre (2008) apresentados no livro *Manual de Linguística* organizado por Mario Eduardo Martelotta (2008). Esses estudos partem do princípio que a variação e

a mudança são características intrínsecas às línguas, implicando que elas não apenas evoluem ao longo do tempo, mas também se adaptam e se transformam de acordo com os contextos socioculturais em que estão inseridas. Foi importante considerar esses fatores de variação e mudança ao realizar este trabalho, pois esta análise tem a intenção de compreender profundamente as interações entre a sociedade argentina e as manifestações racistas da linguagem. A sessão 1.5.1, fica responsável por apresentar a forma com que esta pesquisa se delineou expondo os “Métodos, Coleta e Análise de Dados no Facebook”, rede social utilizada para a análise das expressões linguísticas aqui apresentadas.

No capítulo dois, intitulado “O espanhol latino-americano e a afroargentina”, trato brevemente da história do espanhol na América Latina com base nos estudos de Fontanella de Weinberg (1992), que apresenta possibilidades e teorias para a formação da Língua desde a chegada dos espanhóis. No item 2.1 trato da participação dos negros na formação do espanhol, também com base nos estudos de Fontanella de Weinberg (1992), tento apontar a participação dos negros e sua invisibilidade frente as teorias de formação da Língua, corroborado por Pinto, 2024 (no prelo). No item 2.2, faço um levantamento da história dos negros na Argentina utilizando como fonte os estudos de Egger (2006) e Andrews (1899), e também abordo a expressão “aqui não há negros” com base no trabalho de Tamagno y Maffia (2014).

Ainda no capítulo dois, abordo a linguagem racista utilizada cotidianamente na Argentina, com base no livro “Cultura e Representação” de Stuart Hall (2016), para auxiliar a composição da reflexão, desenvolvendo o entendimento da linguagem como uma força que vai além do mero ato de comunicar, sendo intrinsecamente ligada à cultura, à representação e à formação de identidades individuais e coletivas. A discussão é breve e visa explorar a linguagem com base nas perspectivas desse autor com o objetivo de ampliar nossa compreensão da linguagem e a representação em seu contexto mais amplo e significativo.

No capítulo três, apresento uma análise linguística das palavras “Negro”, “Negro de Mierda” e “Quilombo” e suas variações pejorativas no contexto argentino, por meio de postagens, publicações e comentários na rede social Facebook, desenvolvo uma análise acerca de cada expressão com o objetivo de evidenciar e comprovar o racismo na linguagem. Esse capítulo está dividido pelas expressões, postagens e suas significações e implicações reais. Na sessão 3.2, o termo negro ganha espaço, bem como sua significação inicial e sua significação nas postagens

que servem como base da análise. Nas próximas sessões estão as expressões “Negro de Mierda” (3.3), “Trabalhar como um negro” (3.4), “A evolução semântica da palavra quilombo (3.5), tendo em vista sua entrada em terras argentinas e sua significação inicial, levando em consideração o peso semântico da palavra em Brasil e em Argentina. Por último, o “Pacto” (3.6), este último pensado como o pacto da branquitude (Bento, 2022), levando em conta o contexto racista da Argentina este item tem o intuito de refletir o pacto simbólico para a manutenção do racismo existente entre as esferas governamentais e sociedade.

No capítulo quatro, faço um panorama de uma Argentina anti-hegemônica demonstrando a luta das comunidades negras pelo reconhecimento, respeito e valorização, partindo de uma perspectiva decolonial. Tento delinear a luta dos movimentos antirracistas e de valorização dos afroargentinos ao longo dos tempos até a criação do INADI. Para entender a relação entre o Instituto e a decolonialidade, proponho compreender o conceito proposto por Mignolo (2007) que vê a decolonialidade como um processo de desvendar, resistir e criar alternativas ao modo de pensar eurocêntrico e, conseqüentemente, desafiar as estruturas de poder que se originaram com a colonização. Neste capítulo o objetivo é levar o leitor a compreender que a decolonização não é apenas um processo histórico, mas uma prática contínua e uma postura epistêmica que visa desafiar a hegemonia e norma dominante para reafirmar vozes e saberes marginalizados.

No capítulo cinco, aponto possibilidade para o ensino de Língua Espanhola pautada em uma perspectiva antirracista e contra-hegemônica, compreendendo que a disseminação do espanhol na América Latina, por meio da colonização, foi uma imposição cultural e linguística e que deixou marcas profundas na forma como usamos e percebemos a língua, isso contribui para a perpetuação de hierarquias epistemológicas que desvalorizaram tradições e conhecimentos, principalmente dos povos afro/ africanos, foco desta pesquisa, auxiliando ainda mais na persistência do racismo que é alimentado por uma lógica profundamente enraizada na colonialidade. Para tanto, proponho reconstruir, nas aulas de Língua Espanhola, a narrativa criada pela hegemonia e apresento pessoas negras que compuseram a sociedade argentina ao longo dos tempos, com base nos dados dispostos na página do Acervo Nacional Argentino no Facebook, esses sujeitos fizeram parte da sociedade argentina e nunca tiveram lugar na história, proponho também uma análise dos comentários nesta mesma página para que se possa discutir e levar os alunos a uma compreensão da

dimensão do racismo na Argentina, além de levar os alunos a praticar a língua espanhola, já que os comentários estão em espanhol da Argentina.

Por fim, nas considerações finais, apresento algumas reflexões e apontamentos acerca deste trabalho, bem como as respostas às perguntas e algumas sugestões para possíveis e futuras pesquisas neste campo, chegando à conclusão que a Argentina é um país racista e que a decolonização do modelo educacional, no que tange a comunidade negra no país é urgente, bem como, a ressignificação de termos calcificados culturalmente na linguagem. Nos anexos, insiro algumas outras postagens racistas coletadas da Internet de maneira geral.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Neste capítulo trato do referencial teórico, apresentando teorias, abordagens e perspectivas que nortearão a compreensão da discussão que proponho. Não fiz um recorte específico por autores, já que pesquisas nessa área na Argentina são escassas, no entanto utilizei autores argentinos não negros para os aproximar da visão ou da noção contra-hegemônica que aqui proponho.

Ao utilizar Mignolo (2006, 2007, 2010), Eggers (2015), Tamagno y Maffia (2014) e Hall (2016) como referências principais, esta dissertação não só reconhece a profundidade e amplitude da influência colonial em múltiplas dimensões da sociedade, mas também abraça a promessa de uma nova narrativa que seja decolonial. Em última análise, o trabalho que aqui pretendi delinear, utilizando a ideia de autores e pesquisadores decoloniais ou críticos, é também um convite a imaginar e trabalhar por um mundo onde as epistemologias, as línguas e as culturas sejam reconhecidas e valorizadas em sua diversidade e riqueza, pode parecer utópico, mas se este trabalho conseguir ao menos fazer com que observemos a sombra opressiva da colonialidade e do racismo em nosso cotidiano já terá valido a pena.

1.1 TRAÇANDO O CAMINHO - UMA PERSPECTIVA CRÍTICA SOBRE OS NEGROS NA ARGENTINA

Para compor a estrutura desta dissertação, a pesquisa referente à história da Argentina foi de grande valia. É o caso de Teresa Eggers Brass (2006), historiadora e professora, que tem um olhar crítico sobre a história da independência Argentina, fornecendo dados e bases acerca dos negros e indígenas. Ela aborda como foram tratados pelo país no período da independência e, embora o livro não traga uma infinidade de informações, é possível extrair algumas que auxiliam na complementação desta pesquisa. No trecho que segue a autora destaca a participação da população negra na guerra, comprovando que a Argentina utilizou eliminou boa parte de sua população negra na guerra.

También se reclutaron esclavos; la donación de esclavos a la patria era un buen signo de adhesión al gobierno nacional. El Estado confiscó esclavos de españoles que no apoyaban la revolución, y también compró esclavos a particulares. Los dueños de esclavos recibieron una indemnización por la pérdida económica que esto les significaba, siempre que el soldado muriese o se le otorgase la libertad por su valentía en la lucha. En algunos momentos,

la infantería negra era más de una cuarta parte de las tropas regulares. Es por ello que el espíritu de revolución se hizo carne en los esclavos, y dejaron de ser tan dóciles como antes frente a su amo. (Egger, 2006, p.88-89)⁴.

O texto da autora destaca a persistência do racismo na sociedade argentina no período pós-colonial, mesmo após a participação dos negros na guerra da independência e observa que, apesar dos princípios proclamados pela revolução que pregavam a igualdade de direitos, essa igualdade era aplicada de maneira limitada. Enquanto os indígenas eram considerados iguais aos criollos (descendentes de espanhóis nascidos na América), a população negra era excluída desses direitos igualitários. Isso sugere que a sociedade argentina, apesar de buscar a emancipação política e a liberdade da dominação colonial, continuava a manter estruturas e atitudes discriminatórias enraizadas que moldaram sua cultura. Para Egger (2006):

El racismo estaba muy arraigado en la sociedad poscolonial; pese a los postulados de la revolución sobre "igualdad", sólo consideraron al principio la igualdad de derechos de los indígenas con los criollos, y no la de toda la población. Por eso se pensó que era una ofensa para los indios el hecho de que éstos estuvieran en el mismo cuerpo que los pardos y morenos, y se les concedió el derecho de revistar en un cuerpo separado. (Egger, 2006, p.89)⁵.

No trecho anterior a ênfase é colocada na desconexão entre os ideais revolucionários de igualdade e a realidade vivenciada pela população negra, que permanecia marginalizada e sem acesso aos mesmos direitos e oportunidades. Essa contradição revela a complexidade das questões raciais e sociais na Argentina pós-colonial e destaca a necessidade de se analisar a história em uma perspectiva crítica e sensível às nuances das relações étnico-raciais.

⁴ Também foram recrutados escravos; a doação de escravos para a pátria era um sinal de apoio ao governo nacional. O Estado confiscou escravos de espanhóis que não apoiavam a revolução e também comprou escravos de particulares. Os proprietários de escravos receberam uma compensação pela perda econômica que isso representava, desde que o soldado morresse ou fosse concedida a liberdade por bravura na luta. Em alguns momentos, mais de um quarto das tropas regulares era composto por infantaria negra. Por isso, o espírito revolucionário se incorporou nos escravizados, que deixaram de ser tão submissos quanto antes em relação aos seus senhores. (Egger, 2006, p.88-89, tradução nossa).

⁵ O racismo estava profundamente enraizado na sociedade pós-colonial; apesar dos princípios da revolução em relação à "igualdade", inicialmente consideravam apenas a igualdade de direitos entre os indígenas e os criollos, e não a igualdade de toda a população. Por isso, acreditava-se que era uma ofensa aos indígenas o fato de estarem no mesmo grupo que os pardos e morenos, e foi concedido a eles o direito de se alistarem em um grupo separado. (Egger, 2006, p.89, tradução nossa).

1.2 CONTRIBUIÇÕES ESSENCIAIS À COMPREENSÃO DAS TRAJETÓRIAS AFRO/AFRICANA NA ARGENTINA

Na pesquisa que aqui apresento, no que se refere às trajetórias das populações afro na Argentina, as contribuições significativas das antropólogas Tamagno e Maffia (2014), ambas docentes da renomada Universidade de La Plata, desempenham um papel central. Ao fornecer análises profundas dos afrodescendentes e africanos na Argentina auxiliam na compreensão mais completa das transformações históricas e contemporâneas desses grupos dentro do país ao longo dos anos. A seguir as autoras destacam os desafios de se fazer pesquisas como estas:

El desafío no fue sencillo, ya que de algún modo implicó superar límites a los que suele conducir la especialización fundada en una tarea de investigación de largo alcance y centrada en el trabajo etnográfico. Ello podría haber llevado a que cada equipo de investigación priorizara las diferencias sin detenerse en posibles convergencias. (Tamagno; Maffia, 2014, p.10)⁶.

As pesquisadoras empreendem uma abordagem multidimensional ao reconhecer e analisar as experiências dessas populações sob o prisma das consequências da colonização, que desencadearam profundas mudanças nas condições materiais, culturais e sociais que moldaram suas vidas. Elas não se restringiram apenas a examinar o campo do racismo e da discriminação, que historicamente afligiram essas comunidades, mas também adotaram uma perspectiva que considera o todo integrado, em vez de analisar suas partes isoladamente. Elas enfatizam, assim, que a diversidade étnica e cultural tem sido uma parte intrínseca da sociedade argentina. Essa visão ampliada lança luz sobre as inúmeras contribuições culturais e históricas que esses grupos – nesse contexto incluo os indígenas que também são foco da pesquisa das autoras – trouxeram e continuam trazendo para a formação cultural da Argentina. No trecho que segue as autoras apontam como direcionaram as pesquisas.

⁶ O desafio não foi simples, uma vez que de alguma forma envolveu superar limites que geralmente surgem da especialização baseada em uma pesquisa de longo alcance centrada no trabalho etnográfico. Isso poderia ter levado cada equipe de pesquisa a dar prioridade às diferenças sem se deter nas possíveis convergências. (Tamagno; Maffia, 2014, p.10, tradução nossa).

Así las trayectorias de estas poblaciones fueron observadas reconociéndolas como perfiladas en los marcos de la situación colonial, que transformó las condiciones materiales en las que desarrollaban su existencia. Al mismo tiempo, fueron no sólo pensadas desde marcos teórico-antropológicos referidos a la discriminación y al racismo [...] sino también analizadas en términos de la diversidad/desigualdad que constituyen la sociedad nacional y de las políticas sociales que atienden a su tratamiento; observando tanto las narrativas a partir de las cuales se referencian, como las condiciones materiales en las que éstas se construyen. (Tamagno y Maffia, 2014, p. 10)⁷

Além disso, a pesquisa de Tamagno e Maffia lança um olhar crítico sobre a desigualdade estrutural que permeia a sociedade argentina, destacando como as trajetórias das populações afro e indígenas têm sido afetadas por sistemas socioeconômicos desiguais e políticas discriminatórias ao longo da história.

Los marcos legales, aunque sumamente importantes en cuanto a legitimar estas presencias y posibilitar el cumplimiento de sus derechos, no parecen ser suficientes. La desconfianza, la discriminación y el racismo expresan una concepción colonialista que está vigente a pesar de haber sido fuertemente discutida en el contexto de las ciencias sociales, y particularmente en el contexto antropológico de finales de la primera década del siglo XX, sobre todo en el marco de la reflexión crítica que se activó en torno a la conmemoración de los 500 años de la llamada "Conquista de América". El imaginario de país casi europeo y "venido de los barcos", que se gestó sobre el aniquilamiento y el sometimiento de gran parte de la población preexistente, tiene aún fuerza y se expresa, sobre todo, en aquellos momentos en que las demandas ponen en cuestión situaciones en las que está presente no sólo la diversidad cultural sino también la desigualdad social. (Tamagno; Maffia, 2014, p. 10)⁸.

Um componente crucial da pesquisa dessas antropólogas é a análise das políticas sociais que visam atender às necessidades específicas dessas comunidades

⁷ Assim, as trajetórias dessas populações foram observadas, reconhecendo-as como moldadas dentro dos quadros da situação colonial, que transformou as condições materiais em que desenvolviam suas existências. Ao mesmo tempo, não foram apenas consideradas a partir de quadros teórico-antropológicos relacionados à discriminação e ao racismo, mas também foram analisadas em termos da diversidade/desigualdade que constituem a sociedade nacional e das políticas sociais que tratam delas; observando tanto as narrativas a partir das quais se referem quanto as condições materiais em que essas narrativas são construídas. (Tamagno; Maffia, 2014, p. 10, tradução nossa).

⁸ Os quadros legais, embora extremamente importantes para legitimar essas presenças e garantir o cumprimento de seus direitos, não parecem ser suficientes. A desconfiança, a discriminação e o racismo expressam uma concepção colonialista que persiste, apesar de ter sido amplamente discutida no contexto das ciências sociais, especialmente na perspectiva antropológica no final da primeira década do século XX, sobretudo no âmbito da reflexão crítica que surgiu em torno da comemoração dos 500 anos da chamada "Conquista da América". O imaginário de um país quase europeu e "trazido nos navios", construído sobre a aniquilação e subjugação de grande parte da população nativa, ainda possui força e se manifesta, sobretudo, nos momentos em que as demandas questionam situações em que não apenas a diversidade cultural, mas também a desigualdade social, estão presentes. (Tamagno; Maffia, 2014, p. 10, tradução nossa).

historicamente marginalizadas. Elas examinam de perto a eficácia dessas políticas, questionando se elas verdadeiramente abordam as desigualdades e promovem a inclusão social.

Portanto as contribuições de Tamagno e Maffia transcendem o âmbito acadêmico, representando um apelo à ação e à mudança social. Sua pesquisa não apenas ilumina as trajetórias das populações afro/africana na Argentina, mas também destaca a necessidade de um compromisso contínuo com a justiça social, a igualdade e a valorização da diversidade cultural por parte de todos os argentinos. Por meio de suas investigações, essas antropólogas inspiram um movimento em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária onde as vozes e as experiências das populações afro e indígenas sejam verdadeiramente reconhecidas e respeitadas.

1.3 A INFLUÊNCIA INTRÍNSECA DA CULTURA NA LINGUAGEM DA SOCIEDADE ARGENTINA

No que se refere à linguagem, há que se pensar que a história e a cultura forjam a base linguística de uma sociedade e, ao exploramos a dinâmica complexa entre cultura e linguagem, fica evidente a coexistências de ambas. Stuart Hall (2016) ancora esta pesquisa quando em seu livro *Cultura e Representação* nos leva a perceber a intrincada interação e inter-relação entre história, cultura e “pertencimento linguístico” de uma sociedade ao destacar o papel crucial da linguagem na atribuição de significados e na troca de entendimentos. A língua não apenas reflete a cultura, mas também é influenciada por ela profundamente, desempenhando um papel central na formação da identidade de um país. Para Hall (2016):

A linguagem nada mais é que o meio privilegiado pelo qual damos sentidos às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Assim, esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais. (Hall, 2016, p. 17).

Seguindo a afirmação de Hall (2016), a história de um povo está intrinsecamente entrelaçada com o seu desenvolvimento cultural e por coexistência linguística. Essa conexão se torna particularmente evidente no caso da Argentina, onde a profunda relação entre história e formação dos aspectos culturais da sociedade desempenhou um papel fundamental na construção da identidade linguística da

população. O argumento de Stuart Hall (2016) destaca a função fundamental da linguagem em atribuir significados e sentidos às coisas, facilitar a troca de significados e por sua vez, contribuir para a construção de sentidos e identidades culturais.

O sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos nas palavras. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso conceitual e nossa linguagem, de modo que, a cada vez que pensamos em uma árvore, o código nos diz para usar a palavra **ÁRVORE** em português, ou a palavra **TREE**. Ele nos informa que, na nossa cultura – isto é, nos nossos códigos conceituais e de linguagem – o conceito “árvore” é representado pelas letras **Á, R, V, O, R, E**, disposta em certa sequência. (Hall, 2016, p. 41-42).

Assim, para Hall, nós atribuímos sentidos às palavras e nossa cultura, formada por nossos códigos conceituais e linguísticos, tem influência nesses significados. O autor nos leva a compreender o código linguístico não apenas como um meio neutro de comunicação, mas como uma estrutura complexa carregada de significados e valores que não apenas expressa nossa cultura, mas molda nossa maneira de pensar e perceber o mundo ao nosso redor.

Ainda em seu livro, Hall (2016) âncora suas pesquisas em autores que versaram sobre a linguagem como Foucault, apontando que o referido autor estava interessado na geração de conhecimento e do sentido por meio do discurso e que significados e práticas significantes são desenvolvidos no contexto deste. Um ponto fundamental a ser destacado é a mudança de foco realizada por Foucault, que desloca a atenção do estudo da linguagem para a análise do discurso, ou seja, ele não se dedicou à análise da linguagem em si, mas ao discurso enquanto um sistema de representação mais amplo. Segundo Hall (2016):

O primeiro ponto a ser notado, então, é que Foucault desvia a atenção da "linguagem" para o "discurso". Ele estudou não a primeira, mas o discurso como um sistema de representação. Normalmente, esse termo é usado como um conceito linguístico e significa simplesmente trechos conectados, escritos ou falados. Michel Foucault, no entanto, deu ao termo um sentido diferente. O que interessava a ele eram as regras e práticas que produziam pronunciamentos com sentido e os discursos regulados em diferentes períodos históricos. (Hall, 2016, p. 80).

Seguindo a abordagem de Hall (2016), o foco então recaía nas regras e práticas que engendravam declarações dotadas de sentido, bem como nos discursos que eram governados por normas variáveis ao longo de diferentes períodos históricos.

O que o interessava era a análise das estruturas discursivas para revelar como elas construíam e transmitiam significados, moldando, assim, nossa compreensão do mundo e de nossa própria história. Em resumo, Foucault direcionou sua atenção para os sistemas de representação que permeiam nossa sociedade, contribuindo para uma análise mais profunda das dinâmicas linguísticas e culturais que moldam nossa compreensão da realidade.

Assim, Stuart Hall, ao enfatizar a importância da cultura e da representação na linguagem, serviu como base deste trabalho.

1.4 DESAFIANDO HEGEMONIAS: A JORNADA DECOLONIAL DA LINGUAGEM

Em sua busca de dismantelar os sistemas coloniais de poder, Walter Mignolo, argentino semiologista, corrobora com as ideias aqui propostas no que tange os processos de invisibilização dos negros na Argentina, pois o autor ressalta a intrínseca relação entre língua, cultura e colonialidade.

Para o autor a criação do que hoje conhecemos como América foi uma invenção e a chegada dos criollos europeus não apenas significou uma usurpação territorial, mas também instaurou uma hegemonia linguística, cultural e epistêmica. Essa hegemonia subjugou e erradicou línguas e tradições, tanto indígenas quanto afro e africanas e relegou seus falantes às margens de invisibilidade.

[...] diremos que la idea de América fue una invención europea que eliminó las denominaciones dadas por los pueblos que habían vivido en el continente durante siglos antes de que Colón lo descubriera. El fenómeno ha sido definido como deculturación, desposesión (material y espiritual), y en épocas más recientes, como «colonización del saber» y «colonización del ser». Cuando la primera y la segunda generación de criollos de ascendencia europea que habitaban lo que hoy son las dos Américas, América Latina y América Sajona, asumieron el poder, se apropiaron del nombre del continente y empezaron a llamarse «americanos». Los indios y los negros quedaron fuera del juego. (Mignolo, 2007, p. 47)⁹.

⁹ Diremos que a ideia de América foi uma invenção europeia que apagou as denominações dadas pelos povos que haviam vivido no continente por séculos antes de Colombo o descobrir. Esse fenômeno foi definido como desculturação, desapropriação (material e espiritual) e, em tempos mais recentes, como "colonização do conhecimento" e "colonização do ser". Quando a primeira e a segunda geração de crioulos de ascendência europeia que habitavam o que hoje são as duas Américas, América Latina e América Anglo-saxônica, assumiram o poder, apropriaram-se do nome do continente e começaram a se chamar "americanos". Os indígenas e os negros ficaram excluídos desse processo. (Mignolo, 2007, p. 47, tradução nossa).

Além de tomar posse de tudo que havia nas “Américas”, o colonialismo trouxe consigo uma nova forma de pretensa superioridade cultural e civilizacional, que introduziu e solidificou o racismo. Segundo o autor:

Cuando el término “raza” (principalmente en el siglo XIX) reemplazó a “etnia” y así se puso el acento en la sangre y el color de la piel en desmedro de otras características de la comunidad, “raza” se transformó en sinónimo de “racismo”. El racismo surge cuando los miembros de cierta raza o etnia tienen el privilegio de clasificar a las personas e influir en las palabras y los conceptos de ese grupo. El “racismo” ha sido una matriz clasificatoria que no solo abarca las características físicas del ser humano (sangre y color de piel, entre otras) sino que se extiende al plano interpersonal de las actividades humanas, que comprende la religión, las lenguas [...] y las clasificaciones geopolíticas del mundo [...]. La compleja matriz racial sigue en pie, algo que se hace evidente cuando observamos el mundo que nos rodea y cuando escuchamos la retórica del neoliberalismo [...]. (Mignolo, 2007, p. 42)¹⁰.

Com base nisso, ao longo desta dissertação, os textos de Walter Mignolo (2006, 2007, 2010) serviram como uma bússola, guiando-me na complexa paisagem da colonialidade do poder e do saber. Com a abordagem decolonial, o autor não apenas identifica a persistência de estruturas coloniais nas narrativas e sistemas contemporâneos, mas propõe uma ruptura e uma reconfiguração dessas estruturas. Sua ênfase na decolonização não é apenas uma crítica ao passado, mas um chamado à ação para o presente e o futuro. Ele nos lembra que a decolonização não é apenas um processo histórico, mas uma prática contínua e uma postura epistêmica que desafia as normas dominantes e busca reafirmar vozes e saberes marginalizados.

1.5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada trata de uma pesquisa documental, digital e qualitativa, uma escolha estratégica que responde à necessidade de analisar profundamente os aspectos culturais e sociais manifestos nas práticas linguísticas de

¹⁰ Quando o termo “raça” (principalmente no século XIX) substituiu “etnia” e, assim, enfatizou o sangue e a cor da pele em detrimento de outras características da comunidade, “raça” tornou-se sinônimo de “racismo”. O racismo surge quando os membros de uma determinada raça ou etnia têm o privilégio de classificar as pessoas e influenciar as palavras e os conceitos desse grupo. O “racismo” tem sido uma estrutura classificatória que não abrange apenas as características físicas do ser humano (sangue e cor da pele, entre outras), mas se estende ao plano interpessoal das atividades humanas, incluindo religião, línguas e classificações geopolíticas do mundo. A complexa matriz racial ainda está presente, algo que se torna evidente quando observamos o mundo ao nosso redor e ouvimos a retórica do neoliberalismo. (Mignolo, 2007, p. 42, tradução nossa).

indivíduos. Essa abordagem permite uma investigação detalhada de palavras e expressões utilizadas no cotidiano, possibilitando uma compreensão mais aprofundada de como a linguagem reflete e, ao mesmo tempo, molda as realidades socioculturais dos falantes. Além disso, a natureza qualitativa deste estudo facilita a captura de nuances, subtextos e conotações que muitas vezes são omitidos em análises quantitativas, garantindo, assim, uma representação mais fiel do fenômeno linguístico em questão. Flick (2009) aponta que a “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário” (p. 24). Tendo em vista que,

Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. Aqui, em particular, situações e pessoas excepcionais são frequentemente estudadas [...] (Flick, 2009, p. 24).

A pesquisa qualitativa é distintamente caracterizada como um processo dinâmico de interpretação e compreensão. Em vez de meramente descrever ou explicar fenômenos superficiais, ela busca mergulhar nas camadas mais profundas da realidade. Essa abordagem é centrada na ideia de que as realidades humanas e sociais são intrinsecamente complexas e plurais. Assim, ela se esforça para captar os contextos e significados subjacentes aos dados coletados valorizando as perspectivas e experiências e proporcionando compreensões mais abrangentes sobre o tema em estudo. Portanto:

A pesquisa qualitativa se caracteriza pela busca, como princípio do conhecimento, de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social. Ela parte da ideia de realidade como construção e “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 17). O desafio de estudar os processos dinâmicos da vida humana em sua complexidade gera um obstáculo epistemológico, que precisa ser transposto, diante do desgaste axiomático da compreensão do sujeito e sua realidade. Registra-se uma “inadequação entre seus pressupostos básicos e a natureza dos fenômenos sob estudo” (Valsiner, 2012, p. 297), exigindo que o domínio metodológico seja revisto. (Araújo; Oliveira; Rossato, 2016, p.3).

Por fim, esta análise também se concentrou em fontes secundárias que oferecem uma visão aprofundada sobre o tema de estudo. Foram examinadas publicações acadêmicas, artigos de revistas, teses e dissertações, livros e outros materiais pertinentes que contribuíram para o entendimento e contextualização do tema. Com isso, foi possível desenvolver uma visão ampla e multidimensional, trazendo diversos pontos de vista, teorias e discussões para enriquecer a análise.

1.5.1 Método de coleta e análise de dados no facebook

Os materiais utilizados para esta pesquisa foram retirados de páginas, grupos, pessoas, comentários e postagens na rede social Facebook, o método de pesquisa foi o uso da lupa do aplicativo com as hashtags (#) #negrodemierda, #quilombo, #negro e das expressões racistas somente escritas na ferramenta de localização (lupa). Por meio da ferramenta “local”, direcionei para as publicações feitas especificamente na Argentina. Foram identificadas várias páginas e inúmeras postagens com as hashtags mencionadas anteriormente. A escolha para análise foi baseada no tipo das postagens e temas de interesses desta pesquisa.

O objetivo da escolha do material para análise foi ao encontro da intenção de compreender a amplitude e a natureza das interações relacionadas aos termos que aqui estamos estudando. Além disso, os termos utilizados para a pesquisa, que foram destacados anteriormente dentro dessa plataforma, comprovam que o racismo perpetua nas postagens e publicações que usam essas expressões e que o uso delas é intencional. Essa abordagem proporcionou uma ampla visão das discussões, sentimentos e opiniões que circundam tais expressões na plataforma.

O uso da hashtag (#) “#Negros de Mierda” revelou a página intitulada “Me estás cargando? ”, que foi criada em 30 de março de 2015 e conta com mais de 700 mil curtidas e 11 mil seguidores.

FIGURA 1 – ¿Me Estas Cargando?



FONTE: Facebook (2015)

Após a identificação inicial e em razão das várias postagens na página, algumas postagens relevantes foram destacadas. Elas foram escolhidas com base em critérios como: relevância para o tema de estudo e o contexto no qual os termos foram usados. As datas de coleta desses dados foram entre 2022 e 2023, as

publicações escolhidas foram postadas entre 2015 e 2021. Outras páginas, comentários e postagens também compõem a análise aqui presente.

CAPÍTULO 2 – O ESPANHOL LATINO-AMERICANO E A AFROARGENTINA

Para compreender melhor a história do espanhol na América, é crucial considerar que o espanhol, como língua, foi transplantado para o continente americano durante a era da “colonização” europeia. Esse transplante linguístico não ocorreu em um vácuo cultural, mas sim em um ambiente já rico em diversidade linguística que envolveu a sobreposição da Língua Espanhola sobre as Línguas Indígenas já existentes no continente. Essa sobreposição não foi uma substituição simples, mas um fenômeno complexo que envolveu interações dinâmicas entre Línguas e culturas. Segundo Fontanella de Weinberg (1992):

En efecto, el español se extiende en tierras americanas desde Estados Unidos hasta Tierra del Fuego y se ha hablado a lo largo de cinco siglos. En su amplio proceso de expansión y en tan dilatado lapso, como es lógico, ha mantenido contacto con un enorme número de lenguas, de tal modo que el complejo poblamiento de nuestro territorio tiene como correlato un complejo entretamado de contactos lingüísticos. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.229)¹¹ .

Assim, podemos entender que enquanto o espanhol se estabelecia como língua dominante em muitas regiões, ele inevitavelmente absorveu influências das línguas nativas e posteriormente de outras etnias resultando em variações regionais distintas que vão além de meras diferenças de sotaque ou vocabulário. Para Fontanella de Weinberg (1992), a Língua Espanhola não veio pura e sem influências para as Américas, antes mesmo de sua chegada, ela já havia sofrido influências e mudanças dos próprios colonizadores advindos de diferentes regiões da Espanha, como também de outras etnias, descrito no trecho que segue em que a autora chama este processo de Koinização e rekoinização:

En nuestro caso, la rekoinización está ocasionada por la reiteración de procesos de traslación poblacional, primero en la propia Península Ibérica, en que se ponen en contacto los distintos dialectos del español entre sí y, además, con el árabe; luego, en territorio americano, en que la koiné resultante (el dialecto andaluz) participa en una nueva koinización con otros dialectos españoles; por último, en territorio americano, la nueva llegada de oleadas de migrantes puede haber ocasionado sucesivos reciclamientos. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.46-47)¹²

¹¹ De fato, o espanhol se estende em terras americanas desde os Estados Unidos até a Terra do Fogo e tem sido falado ao longo de cinco séculos. Em seu amplo processo de expansão e em tão dilatado período, como é lógico, manteve contato com um enorme número de línguas, de tal modo que o complexo povoamento do nosso território tem como correlato um complexo emaranhado de contatos linguísticos. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, p. 229, tradução nossa).

¹² No nosso caso, a rekoinização é causada pela repetição de processos de migração populacional, primeiro na própria Península Ibérica, onde diferentes dialetos do espanhol entram em contato entre

De acordo com a autora, o fenômeno da rekoinização linguística manifestou-se através de contínuos processos de migração e interação entre diferentes dialetos do espanhol, demonstrando que já na Península Ibérica, a língua espanhola havia incorporado uma diversidade de dialetos, instaurando assim um processo que se estenderia em solo americano.

Neste contexto, o dialeto andaluz, ao interagir com outras variantes linguísticas ainda na Espanha, revela-se como um produto de uma koinização prévia, que gerou uma nova koiné. Ainda para a autora, a constante chegada de migrantes ao continente americano intensificou o processo de rekoinização, resultando em sucessivas ondas de renovação dialetal, reconfigurando continuamente o panorama linguístico das Américas. Vamos retomar a discussão da Koinização mais adiante.

Essa influência anterior é de suma importância para se compreender a Língua Espanhola falada nas Américas, no entanto, nesta discussão, vamos manter o foco nos contatos linguísticos feitos já em solo americano, para isso, Fontanella de Weinberg em seu livro “El Español de América” de 1992, nos auxilia quando apresenta os diferentes contatos de bilinguismos para melhor compreensão do panorama que queremos desenhar.

Para organizar de algún modo la densa red de relaciones existente entre el español de América y otras lenguas, podemos distinguir cuatro grandes tipos de bilingüismo, según las lenguas con las que se ha producido: el contacto con lenguas indígenas, con lenguas africanas, con lenguas inmigratorias y con otros idiomas europeos que son lenguas nacionales de países americanos. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.230)¹³.

Partindo dessa afirmativa, devemos compreender que o primeiro contato linguístico entre o espanhol e as línguas indígenas durante o processo de colonização deve ser considerado um aspecto fundamental para entender a evolução do espanhol no continente americano, já que, quando os colonizadores espanhóis chegaram, encontraram diversidades linguísticas que variavam enormemente, desde línguas

si e, além disso, com o árabe; depois, em território americano, onde a koiné resultante (o dialeto andaluz) participa em uma nova koinização com outros dialetos espanhóis; por fim, em território americano, a nova chegada de ondas de migrantes pode ter causado sucessivas renovações dialetais. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.46-47, tradução nossa).

¹³ Para organizar de alguma forma a densa rede de relações existente entre o espanhol da América e outras línguas, podemos distinguir quatro grandes tipos de bilinguismo, de acordo com as línguas com as quais ocorreu: o contato com línguas indígenas, com línguas africanas, com línguas de imigração e com outros idiomas europeus que são línguas nacionais de países americanos. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.230, tradução nossa).

amplamente faladas, – como o Náuatle no México e o Quechua nos Andes –, até inúmeros dialetos locais menos conhecidos. Pode-se dizer que a interação entre o espanhol e as línguas indígenas foi influenciada, entre outros aspectos, por políticas coloniais e relações de poder, pois as línguas indígenas foram desaparecendo ao longo do tempo e a Língua Espanhola foi se impondo. No entanto, a influência não foi unidirecional, pois as línguas indígenas exerceram um impacto significativo no vocabulário e na gramática do espanhol falado na América.

Nos estudos de Fontanella de Weinberg (1992), a autora aponta que dentre os pontos de vista mais relevantes, dentro dos estudos de formação do espanhol latino-americano, destaca-se a visão de Rodolfo Lenz, que defendia a ideia de que as características distintivas do espanhol falado no Chile devem-se, em grande medida, à influência das línguas indígenas. O impacto das línguas nativas na fonologia, vocabulário e até na sintaxe do espanhol chileno é um testemunho da interação que ocorreu durante e depois do período de “colonização”.

Outra corrente de pensamento, apontada pela autora com muitos adeptos ao longo dos anos, sugere que os traços característicos do espanhol em toda a América Latina, especialmente em certas regiões, são principalmente resultado da influência andaluza, destacando que colonizadores vindos do sul da Espanha trouxeram consigo suas próprias variantes do espanhol que se misturaram com as línguas locais, essa mistura resultou em uma série de dialetos únicos por todo o continente americano. Esse ponto de vista destaca a influência de raízes europeias na formação do espanhol latino-americano, argumentando que a semelhança entre o espanhol falado na América Latina e em certas partes da Espanha não é coincidência, mas sim o resultado da propagação desses dialetos durante a era colonial.

A autora também destaca possibilidade da koiné, apresentada de forma breve anteriormente neste capítulo, teoria que se encaixa no trabalho que aqui apresento, baseada na conjectura apresentada por Siegel (1985) apud Weiberg (1992) sobre a formação de uma koiné, a qual destaca que a interação entre diferentes variantes de uma mesma língua resulta em uma nova forma linguística, estabilizada e unificada. Uma koiné surge da mistura de vários subsistemas linguísticos, como dialetos regionais ou literários e é caracterizada pela fusão dessas diversas influências. De acordo com Fontanella de Weinberg:

Siegel considera que una koiné “es el resultado estabilizado de la mezcla de subsistemas lingüísticos, tales como dialectos regionales o literarios”. En una revisión de trabajos en los que se han considerado diferentes casos de koiné, extrae los siguientes rasgos como característicos de todos o algunos de ellos: confluencia de distintas variedades de una misma lengua, aunque se base primordialmente en una variedad, reducción y simplificación de rasgos, uso como “lengua” franca regional, surgimiento de hablantes nativos y estandarización. (Fontanella de Weinberg, 1992, p. 43)¹⁴

Seguindo a afirmação da autora com base em Siegel (1985), este processo geralmente ocorre em contextos onde há uma intensa interação entre falantes de diferentes dialetos, levando à necessidade de uma forma de comunicação comum, a koiné, então, evolui como um tipo de meio-termo que incorpora elementos de várias fontes, mas que também passa por um processo de redução e simplificação de características para facilitar a comunicação entre os diferentes grupos de falantes. Outro aspecto interessante das koinés é a sua funcionalidade como “língua franca” regional, permitindo a comunicação eficaz entre comunidades com diferentes origens linguísticas. Com o tempo, elas podem até ganhar falantes nativos à medida que as gerações subsequentes as adotam como sua língua materna. Além disso, o processo de estandardização ou padronização- em tradução minha, muitas vezes, acompanha o seu desenvolvimento e certas formas e usos podem se tornam normativos, sendo assim, esse processo é essencial para a transformação da koiné de um mero meio de comunicação interdialeto para uma língua plenamente funcional e reconhecida.

No entanto, deve-se levar em consideração que o processo de padronização de uma língua não é uniforme; ele varia significativamente em termos de quando ocorre e das características específicas que assume. Em relação ao espanhol americano a influência de políticas linguísticas nacionais, a exposição a meios de comunicação em massa e as atitudes das elites socioeconômicas em relação às formas linguísticas podem ser consideradas fatores de aceleração ou moderação do processo de padronização.

¹⁴ Siegel considera que una koiné “é o resultado estabilizado da mistura de subsistemas linguísticos, tais como dialetos regionais ou literários”. Em uma revisão de trabalhos nos quais foram considerados diferentes casos de koiné, ele extrai as seguintes características como típicas de todos ou alguns deles: confluência de diferentes variedades de uma mesma língua, embora se baseie primordialmente em uma variedade, redução e simplificação de características, uso como “língua franca” regional, surgimento de falantes nativos e padronização. (Fontanella de Weinberg, 1992, p. 43, tradução nossa).

2.1 O NEGRO NO ESPANHOL LATINO-AMERICANO

Durante os séculos de colonização europeia nas Américas, milhões de africanos foram trazidos como escravizados para o continente, principalmente com o objetivo de trabalhar nas minas e nas plantações. Essa migração forçada resultou em uma significativa influência africana na Língua Espanhola falada na América Latina, fato esse que foi significativamente apagado ou minimizado em países de maioria branca ao longo do tempo, conforme aponta Pinto (no prelo):

A ausência de discussão sobre a participação dos negros na constituição das diferentes variedades linguísticas do espanhol americano é resultado do apagamento histórico da relevância do negro na formação dessas sociedades. E tem como consequência a narrativa de que as variedades americanas são a continuação direta das variedades europeias desenvolvidas em solo americano, uma perspectiva já amplamente superada na discussão da constituição do português brasileiro. Pinto (no prelo)

Segundo o autor a falta de debate acerca do papel dos negros na formação das variedades do espanhol americano não apenas oculta sua contribuição significativa, mas também sustenta a narrativa simplista de que as variedades linguísticas do espanhol são meramente extensões das variantes europeias, transplantadas e adaptadas nas Américas.

Esta falta de discussões fica evidente quando os estudos relativos aos africanismos se concentram principalmente em lugares onde a presença negra é forte, enquanto em países com número menor de pessoas negras não há muitos registros, mas houve o contato entre as línguas e esta marca ainda que não reconhecida por alguns autores existe.

Africanismos são Palavras ou expressões de origem africana que foram integradas a outra língua, neste caso, o idioma espanhol. Durante o período do comércio transatlântico, os africanos trouxeram consigo suas línguas nativas, logo, a interação entre essas línguas africanas e o espanhol resultou na incorporação de alguns termos africanos ao vocabulário espanhol. No entanto, segundo estudos de Fontanela de Weinberg esse impacto foi menor na região bonaerense:

En cuanto a los préstamos de origen africano, introducidos en razón de la existencia de población esclava de ese origen, tampoco tienen una presencia importante en el español bonaerense, dado que la región nunca fue asiento de las típicas instituciones económicas que concentraron a gran número de esclavos, como las plantaciones y la minería. Hubo un alto número de

esclavos en determinadas etapas, como lo muestra el censo de 1778, que da casi un tercio de población esclava, pero estos se integraban en su mayoría a la vida familiar, lo que no favorecía la conservación de su lengua de origen, sino la asimilación lingüística. (Fontanella de Weinberg, 2000, p. 53)¹⁵.

A autora argumenta que o pouco impacto das Línguas Africanas na Língua Espanhola falada na região de Buenos Aires, deve-se ao fato de que as instituições financeiras que mantinha escravizados cativos não estavam nos grandes centros. Essa afirmação é significativa, pois demonstra como as estruturas econômicas podem influenciar a Língua, seja para sua manutenção ou para seu extermínio, mas também é irresoluta, já que em 1778 o Censo de Vertiz apontou que trinta por cento da população de Buenos Aires era negra. Para Pinto (2024) há entre os autores de publicações sobre a influência do negro no espanhol latino-americano uma lacuna:

Todos os autores deixam claro que a população negra esteve espalhada por um vasto território americano, inclusive em regiões onde não são encontradas mais na atualidade, como Buenos Aires e Paraguai. Os negros não se restringiram às zonas rurais; pelo contrário, também ocupavam as cidades desempenhando diversas funções, inclusive realizando trabalhos domésticos. Essa configuração sociolinguística deve ter sido o fermento e o fomento de alguns processos de mudança linguística observadas na América (que podem sido revertidas com o avanço da escolarização, por exemplo). Os autores insistem no fato de que as influências estão relacionadas com as inovações. No entanto, deixam de investigar as manutenções. Pinto (no prelo)

Para o autor a influência linguística africana no processo de formação do espanhol latino-americano, ultrapassa as delimitações geográficas tradicionalmente associada às zonas rurais, onde a presença negra tinha um número maior devido a mineração e a agricultura, enfatizando que os negros também estavam integrados à vida urbana e assim como foram influenciados pela Língua espanhola, também a influenciaram em sua constituição.

Assim, essas influências linguísticas podem haver ocorrido em maior e menor grau a depender da região de análise, no caso da Argentina como um todo - foco desta pesquisa- a quantidade de habitantes negros foi reduzida ao longo do tempo e

¹⁵ Quanto aos empréstimos de origem africana, introduzidos em razão da existência de população escravizada dessa origem, também não têm uma presença importante no espanhol de Buenos Aires, dado que a região nunca foi sede das típicas instituições econômicas que concentraram um grande número de escravos, como as plantações e a mineração. Houve um alto número de escravizados em determinadas etapas, como mostra o censo de 1778, que registra quase um terço da população como escravizada, mas estes se integravam em sua maioria à vida familiar, o que não favorecia a conservação de sua língua de origem, mas sim a assimilação linguística. (Fontanella de Weinberg, 2000, p. 53, tradução nossa).

suas histórias apagadas de forma proposital, no entanto, em regiões como o litoral colombiano, Brasil e em alguns países da América central, por ter um peso demográfico maior, a incorporação linguística e cultural é muito mais demarcada. Em Cuba, por exemplo, a preservação de práticas religiosas africanas como a Santería, que mistura elementos das religiões Yoruba com o catolicismo, é um exemplo vívido da resistência e adaptação cultural. Festivais, como o "Dia de los Reyes Magos", onde tradições afro-cubanas são celebradas, demonstram a influência contínua da África na vida cotidiana. Sem mencionar o vocabulário específico dessas religiões, como "orishas" (deidades) e "babalawo" (sacerdote), que é um claro indicativo da preservação da herança linguística africana. Para Fontanella de Weinberg:

El contacto del español con distintas lenguas africanas, como consecuencia de la introducción de población esclava de ese origen, ha tenido como consecuencia la penetración de un cierto número de préstamos léxicos de esa procedencia, que, obviamente, es mayor en las regiones en que esa población tiene un marcado peso demográfico, tales como las Antillas y la región costera de Colombia, por ejemplo. Incluso en algunos países como Cuba ha perdurado, junto con ritos procedentes de religiones africanas, el correspondiente vocabulario propio de las lenguas de origen. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.170)¹⁶.

Em consonância com as afirmações da autora, na Colômbia, particularmente nas regiões costeiras do Pacífico e do Caribe, a presença histórica de comunidades afrodescendentes é mais proeminente. Gêneros musicais como a Cumbia e o Vallenato têm raízes africanas evidentes, misturando-se com elementos indígenas e europeus para criar um som distintivo colombiano. No entanto, em países com maioria branca a influência do negro na formação linguística é minimizada, ignorada ou lembrada somente em casos considerados ruins, há uma demonização a tudo que é relativo ao negro. Para Pinto (no prelo):

Parece que, à exceção do português brasileiro, o papel do negro na constituição das variedades das línguas americanas só teve destaque nas situações catastróficas, tendo sido ignorado totalmente sua participação na configuração das variedades rurais e urbanas em que não se registra, [...] sabe-se que há populações indígenas na América Latina e sabe-se que

¹⁶ O contato do espanhol com diferentes línguas africanas, como consequência da introdução de população escrava dessa origem, resultou na inserção de um certo número de empréstimos lexicais dessa procedência, que, obviamente, é maior nas regiões em que essa população tem um peso demográfico marcante, tais como as Antilhas e a região costeira da Colômbia, por exemplo. Até mesmo em alguns países como Cuba, perdurou, junto com ritos procedentes de religiões africanas, o correspondente vocabulário próprio das línguas de origem. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992,p. 170, tradução nossa).

também há brancos e mestiços. Mas e os negros? Existem? A referência mais explícita sobre a população negra no mundo hispano-americano é encontrada no Caribe. Fora isso, muito pouco se fala de negros em outras regiões, fazendo crer que sua existência é nula. Pinto (no prelo)

Partindo dessa afirmação este trabalho se mostra relevante quando desafia as narrativas dominantes, tanto nos estudos relativos ao negro na formação do espanhol latino-americano, quanto no Ensino de Língua. Neste estudo pretendemos nos direcionar, também para a existência e reexistência de pessoas negras em países considerados brancos e hegemônicos. Esse enfoque proporciona evidências fundamentais de que a presença negra nas Américas não foi de forma alguma irrelevante ou nula, mas revela que as tradições africanas foram integradas e posteriormente transformadas, demonizadas e/ou apagadas em algumas sociedades americanas.

2.2 AFROARGENTINA - PANORAMA HISTÓRICO

O desvelar de qualquer narrativa histórica frequentemente revela aspectos ocultos deixados no esquecimento, histórias e contribuições silenciadas e que propositadamente foram omitidas do contexto histórico criado pelos europeus. No contexto americano, a visão que emanou de vozes brancas europeias e que posteriormente foi difundida por seus descendentes acerca dos negros, durante os períodos de escravização e pós-abolição, infelizmente delineou os negros como figuras criminosas – uma realidade que encontra respaldo na alarmante estatística de jovens negros ceifados cotidianamente no Brasil pelo simples fato de ser negro. Ao mesmo tempo, os europeus foram erigidos como heróis nesse enredo.

Na Argentina, foco deste trabalho, a expressão “não há negros” (TAMAGNO; MAFFIA, p. 23), continua minimizando as lutas antirracistas, dificultando a expansão de trabalhos acadêmicos e mantendo as pessoas negras às margens da sociedade. Mesmo que os trabalhos acadêmicos nessa área tenham se desenvolvido nesses últimos anos – um exemplo disso é a reabilitação da figura afroargentina Maria dos Remedios Del Valle¹⁷ reconhecida como “Mãe da pátria” – ainda há muito por dizer e, acima de tudo, valorizar no que se refere aos povos negros que ali estiveram e ainda

¹⁷ Nascida na cidade de Buenos Aires, estima-se que entre os anos 1766 e 1767, foi soldado na luta pela independência da Argentina. Foi mulher e negra em um país racista e morreu esquecida e pobre.

estão, uma vez que a história fez o desserviço de apagar da memória coletiva a participação desse grupo étnico na construção social e cultural do país.

O processo de abolição da escravidão na Argentina data de 1852, mas seu histórico racista persiste. As lutas pela liberdade do país das mãos dos invasores foi forjada com sangue negro e indígena como se pode observar nessa passagem de Teresa Eggers, relatando a invasão inglesa de 1806, na qual Liniers¹⁸ prepara o exército para a resistência:

Liniers se dispuso a preparar la resistencia, formando cuerpos de milicias de acuerdo con el origen de los soldados. El Regimiento de Castas estaba formado por Pardos, Morenos e Indios; en la sociedad colonial, pese a la situación de emergencia que una lucha de esa naturaleza implicaba, las clases más bajas no se podían mezclar con las demás. (Egger, 2006, p.65)¹⁹.

Além de negar, silenciar e minimizar o racismo, a Argentina preocupa-se com a tarefa de manter o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022), defendendo-se das acusações cometidas, das atrocidades, violências e assassinatos contra as populações afro e indígenas, as quais foram utilizadas como “paredão humano” na luta da independência. Segundo Egger (2006):

[...] se reclutaron esclavos; la donación de esclavos a la patria era un buen signo de adhesión al gobierno nacional. El estado confiscó esclavos de españoles que no apoyaban la revolución, y también compró esclavos a particulares. Los dueños de esclavos recibieron una indemnización por la pérdida económica que eso les significaba [...] En algunos momentos la infantería negra era más de una cuarta parte de las tropas regulares. (Egger, 2006, p.88-89)²⁰.

Segundo a autora a presença negra na infantaria era grande e a participação dos chamados "hombres oscuros" (Egger, 2006, p. 67) nos conflitos armados do país atuou como o gatilho que acendeu a indignação entre os sobreviventes negros desse

¹⁸ Santiago de Liniers e Bremond (25/07/1753- 26/08/1810) foi um militar francês que foi administrador colonial da Coroa espanhola e vice-rei do Vice-Reino do Rio da Prata em 1807 e 1809. Defendeu a província das Invasões Britânicas. Foi fuzilado por defender a coroa espanhola contra a independência da Argentina. (dbpedia, 4 mar. 2024).

¹⁹ Liniers se prontificou a preparar a resistência, formando corpos de milícia de acordo com a origem dos soldados. O Regimento de Castas era composto por Pardos, Morenos e Índios; na sociedade colonial, apesar da situação de emergência que uma luta dessa natureza implicava, as classes mais baixas não podiam se misturar com as demais. (Egger, 2006, p. 65, tradução nossa).

²⁰[...] escravos foram recrutados; a doação de escravos à pátria era um bom sinal de adesão ao governo nacional. O Estado confiscou escravos de espanhóis que não apoiavam a revolução e também comprou escravos de particulares. Os proprietários de escravos receberam uma indenização pela perda econômica que isso lhes causou [...]. Em alguns momentos, a infantaria negra era mais de um quarto das tropas regulares. (Egger, 2006, p.88-89, tradução nossa).

massacre. Isso provocou um despertar na busca por direitos e deu origem a novos líderes provenientes das classes menos privilegiadas. Esses eventos deixaram as autoridades espanholas em estado de alerta. O receio arraigado na classe dominante, que perdura até os dias atuais, quanto a perder o controle motivou as medidas adotadas pelas autoridades para conter a possibilidade de ascensão de negros e "pessoas de cor" (Kilomba, 2019, p. 67) às posições militares, com o objetivo de restringir o acesso a armas. Segundo a autora, o surgimento de milícias possibilitava esse acesso a posições mais elevadas.

Es decir que una de las consecuencias no esperada de las invasiones inglesas es la democratización que comienza con el surgimiento de milicias, que dan posibilidad de ascenso social a gente que antes no la tenía. Pese lo afirmado por Beruti, esta situación continua en toda la región de la Provincias del Río de la Plata en la guerra de independencia. (Egger, 2006, p.65)²¹.

Sendo assim o governo inicia seu projeto de supressão de possibilidades de crescimento para essa parcela da população, aos que não morreram em combate, recebem a impossibilidade de ascensão e o apagamento histórico-cultural da sua contribuição à memória do país. O sistema de discriminação racial e suas graves repercussões deixaram suas marcas na educação, na linguagem, nas condições socioeconômicas e, também, na limitada integração das populações de "origem humilde" (Egger, 2006, p.67) na sociedade. Pode-se perceber que a concepção de consciência e lembrança na sociedade argentina foi moldada de tal maneira que a expressão "aquí não existe pessoas negras" ainda é propagada e aceita entre os indivíduos. Essa noção de consciência e memória é muito bem descrita por Lélia Gonzales (2020):

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando

²¹ Isto significa que uma das consequências não esperadas das invasões inglesas é a democratização que começa com o surgimento de milícias, que oferecem a possibilidade de ascensão social para pessoas que antes não a tinham. Apesar do afirmado por Beruti, essa situação continua em toda a região das Províncias do Rio da Prata durante a guerra de independência. (Egger, 2006, p.65, tradução nossa).

a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. (Gonzales, 2020, p.102).

A convicção consciente da suposta predominância de uma elite racial branca, composta por indivíduos que historicamente "chegaram em embarcações", manifesta-se de forma evidentemente racista, alcançando até mesmo o imaginário do presidente da nação, Alberto Fernández. Este, ciente das tragédias infligidas sobre as comunidades negras e indígenas pelo passado colonial, parece utilizar-se oportunisticamente daquilo que foi arrancado dessas populações. O patrimônio que lhe foi transmitido, graças à sua ascendência branca e à conexão com os antigos senhores de escravos, serve como uma herança manchada pela exploração e pelas injustiças históricas da qual nenhum branco da Argentina deveria se orgulhar.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. (Bento, 2022 p. 23).

Seguindo a afirmação de Bento (2022), podemos entender que a população branca argentina é racista pois se sente totalmente à vontade para ser, já que sua herança escravocrata deixou a liberdade para excluir, recusar e se envergonhar da presença negra em sua história. Quando na verdade a sociedade argentina deveria se envergonhar de sua própria história e propor reflexões sobre essas narrativas.

Uma breve análise histórica nos deu a dimensão social do problema. Outro fato importante que se deve considerar nesta análise são os censos demográficos que por muito tempo não incluíram as populações afro e indígenas em seus números. Nos primeiros censos nacionais da Argentina, a falta de estatísticas sobre a população africana e afrodescendente foi atribuída às motivações igualitárias – que de igualitárias não tinham nada –, já que, na época, havia uma ênfase na igualdade de direitos e oportunidades para todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica.

No entanto, essa abordagem igualitária acabou desconsiderando a coleta de informações específicas sobre a população africana e afrodescendente. Essa ideia falaciosa de igualdade fica evidente em algumas postagens no Facebook em que pessoas, que se consideram brancas, afirmam equivocadamente que não existem

afroargentinos, pois todos somos iguais, somos argentinos. Maidana (2014) aponta que:

En los primeros censos nacionales la ausencia de estadísticas de la población africana y afrodescendiente obedeció tanto las motivaciones igualitarias de la nueva grilla estadística liberal como las razones de orden técnico y a la convicción evolucionista de que la proporción de población negra era escasa sobre el total de la población. (Maidana, 2014, p. 230-231)²².

O primeiro censo demográfico na Argentina foi realizado em 1869. Esse censo, conhecido como "Censo Nacional de la República Argentina", foi um marco importante no auxílio da construção de um ideal imaginário de hegemonia, além de servir como dados para a obtenção de informações demográficas abrangentes sobre a população branca do país. Para Maidana (2014) um dado relevante é o de que a convicção evolucionista predominante na época considerava a proporção da população negra como escassa e próxima a desaparecer em relação ao total da população, por isso, com o respaldo social e de órgãos nacionais, hoje ouvimos a famigerada expressão: "aquí não há negros".

Essa visão simplista, baseada na teoria da evolução, influenciou a percepção geral sobre a composição étnica da sociedade levando ao apagamento dos dados sobre a população africana e afrodescendente. Essa falta de dados adequados impossibilitou a compreensão e por sua vez o reconhecimento da contribuição desses grupos étnicos na sociedade argentina. Blazsek (2012) apud Maidana (2014) afirma que:

En 1869, la clasificación de las nacionalidades parte de un criterio geográfico: la distinción entre americanos y europeos, más tres grupos de importancia numérica menor (africanos, asiáticos y sin especificación). [...] Aquí también el término "raza" remite a consideraciones lingüísticas y geográficas, y señala que "la inmensa mayoría de la población" pertenece a la raza latina, destacando que las "otras razas" constituyen agregados residuales próximos a desaparecer. (Blazsek, 2012 *apud* Maidana, 2014, p.238)²³.

²² Nos primeiros censos nacionais, a ausência de estatísticas da população africana e afrodescendente se deveu tanto às motivações igualitárias da nova grade estatística liberal quanto a razões de ordem técnica e à convicção evolucionista de que a proporção da população negra era pequena em relação ao total da população. (MAIDANA, 2014, p. 230-231, tradução nossa).

²³ Em 1869, a classificação das nacionalidades parte de um critério geográfico: a distinção entre americanos e europeus, além de três grupos de menor importância numérica (africanos, asiáticos e não especificados). [...] o termo "raça" remete a considerações linguísticas e geográficas, e é indicado que "a imensa maioria da população" pertence à raça latina, destacando que as "outras raças" constituem agregados residuais próximos a desaparecer. (Blazsek, 2012 *apud* Maidana, 2014, p.238, tradução nossa).

Na Argentina racista de 1869, a classificação das nacionalidades refletia uma visão limitada e discriminatória, pois se baseava exclusivamente em um critério geográfico, ignorando as complexidades e diversidades étnicas presentes na sociedade. Essa abordagem simplista resultou na distinção entre americanos e europeus como os únicos grupos considerados significativos, enquanto os africanos, asiáticos e aqueles não especificados eram relegados a grupos de importância numérica menor. Essa classificação exclusivamente geográfica evidencia a mentalidade discriminatória da época, na qual as diferenças raciais e étnicas eram minimizadas ou ignoradas em favor de uma hierarquia baseada na origem geográfica. Ao excluir grupos como africanos e asiáticos, a sociedade argentina daquele período negava a existência de suas culturas, experiências e contribuições, perpetuando uma visão eurocêntrica e supremacista. Essa perspectiva limitada da classificação das nacionalidades reflete as atitudes e crenças enraizadas na Argentina da época e na Argentina atual, que promovem a marginalização e a invisibilidade de grupos étnicos não europeus. Percebe-se claramente a valorização do Europeu e a desvalorização de qualquer outro grupo étnico.

Foram necessários séculos de luta, de apagamento, mortes, assassinatos, para que a Argentina reconhecesse a presença Africana em seu solo.

En 2010, y por primera vez en la historia estadística de nuestro país, el Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas reveló a la población afrodescendiente. Los antecedentes de indagación sobre la temática se sitúan en 1778, durante el Censo de Vertiz, en donde la Argentina todavía no estaba constituida como un país. En él, fue registrada una proporción mayor al 30% de africanos y descendientes de africanos en Santiago del Estero, Catamarca, Salta, Córdoba, Tucumán y Buenos Aires. Y aunque en 1810 se realizó un Censo de la Ciudad de Buenos Aires que preguntó sobre la cuestión, con posterioridad a esta fecha los censos nacionales no trataron el tema. (INDEC, 2010; Maidana, 2014, p. 238)²⁴.

Os números apresentados por Indec, 2010; Maidana, 2014, na referência anterior revelam uma presença marcante da população afrodescendente em

²⁴ Em 2010, e pela primeira vez na história estatística de nosso país, o Censo Nacional de População, Domicílios e Habitações levantou dados sobre a população afrodescendente. Os antecedentes de investigação sobre o tema remontam a 1778, durante o Censo de Vertiz, quando a Argentina ainda não era constituída como um país. Nele, foi registrado um percentual acima de 30% de africanos e descendentes de africanos em Santiago del Estero, Catamarca, Salta, Córdoba Tucumán e Buenos Aires. Embora em 1810 tenha sido realizado um Censo da Cidade de Buenos Aires que abordou a questão, após essa data os censos nacionais não abordaram o tema." (INDEC, 2010; Maidana, 2014, p. 238, tradução nossa).

localidades como Catamarca, Salta, Córdoba, Tucumán e Buenos Aires em contraste com a noção predominante de uma Argentina unicamente branca nos dias atuais. Essa constatação desafia a narrativa histórica que muitas vezes ignora ou apaga a contribuição e a presença da África em solo argentino, mostrando que, no passado, essas comunidades eram partes integrantes da diversidade étnica e cultural do país com uma representação significativa em várias regiões.

Ainda sobre o trecho anterior, vale ressaltar que o censo de Vertiz²⁵ (Wainer, 2010) foi um importante levantamento demográfico realizado em um período histórico em que a Argentina ainda não era oficialmente considerada um país independente e tinha como objetivo principal obter informações precisas sobre a população da região que viria a se tornar a República Argentina. Na época, a região estava sob o domínio espanhol e ainda fazia parte do Vice-Reino do Rio da Prata. O censo de Vertiz foi uma iniciativa pioneira na América Latina, representando um esforço para compreender a composição demográfica da região. O levantamento abrangeu várias áreas, incluindo a cidade de Buenos Aires e províncias vizinhas. Embora o censo de Vertiz tenha fornecido informações valiosas sobre a população da região, é importante ressaltar que sua abrangência e precisão podem ter sido limitadas devido às circunstâncias da época. No entanto, estabeleceu as bases para futuros levantamentos demográficos na Argentina e serviu como um marco importante no desenvolvimento de políticas públicas e no planejamento estratégico do país, incluindo o apagamento das populações negras que ali apareceram. A partir do censo de Vertiz, as populações de origem étnicas não europeias começaram a desaparecer da história da Argentina.

Em suma, e retomando a afirmação de Bento (2022), aos brancos argentinos e aos brancos da América em geral há uma série de impactos positivos que se estendem desde a ocupação de posições de destaque, tanto no âmbito público quanto no privado, até a representação significativa nos meios de comunicação. Esses grupos também desfrutaram de condições financeiras mais favoráveis em comparação com seus pares não brancos, ao mesmo tempo em que são exaltados como exemplos de humanidade e modelo a ser seguido. Além das mencionadas influências, um legado adicional se manifestou: um estado de amnésia em relação à vergonhosa abordagem na qual os europeus – com os quais os brancos argentinos se identificam – "conquistaram" as Américas.

²⁵ Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74012783008>. Acesso em: 2 mar. 2024.

Por outro lado, para os afroargentinos e para todos os negros das Américas, a herança deixada pelo processo de colonização foi marcada pela cruel supressão histórica e pelo racismo sistemático. Grada Kilomba (2019, p. 76) pontua que a fusão entre poder e preconceito é a essência do racismo, e podemos observar que essa combinação, introduzida pelos europeus, estabeleceu os fundamentos e bases sociais, culturais e por consequência linguísticas das Américas e que persistem na Argentina contemporânea.

CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO, CULTURA E RACISMO

Para pensar a linguagem na dimensão que pretendo, os estudos de Hall (2016) em seu livro *Cultura e Representação* auxiliam na composição dessa reflexão, pois, ao (tentar) transpor esses estudos para o uso da linguagem racista utilizada na Argentina, procuro desenvolver o entendimento da linguagem como uma força que vai além do mero ato de comunicar, sendo intrinsecamente ligada à cultura, à representação e à formação de identidades individuais e coletivas. Assim, esta breve discussão visa explorar as perspectivas da abordagem de Hall (2016) para ampliar nossa compreensão da linguagem e da representação em seu contexto mais amplo e significativo. Para o autor e em consonância com o que pretendemos neste texto, a abordagem que complementa nossa discussão:

[...] reconhece o caráter público e social da linguagem. Ela atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. As coisas não significam: nós construímos sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos. [...] Nós não devemos confundir o mundo material, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos simbólicos pelos quais representações, sentido e linguagem operam. (Hall, 2016, p. 48)

Assim, para compreender o poder simbólico da linguagem e determinar que ela é racista, fez-se necessário ancorar esta discussão nos pensamentos de Hall (2016), e delinear a percepção acerca de como atribuímos sentido às coisas. Vale ressaltar que, para o autor, sentido não é uma propriedade intrínseca de um objeto ou de uma entidade, é algo que nós atribuímos às coisas com base em nossas experiências, interpretações e sistemas de significado. Assim,

O sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos nas palavras. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso conceitual e nossa linguagem [...]. (Hall, 2016, p. 41-42).

Dessa forma, podemos entender que o significado das palavras e expressões de cunho racistas utilizadas pelos falantes da Argentina fazem parte de uma construção cultural moldada pelo contexto, pelas intenções do falante e pelo entendimento do ouvinte, já que tanto como ouvintes, quanto como falantes

desempenhamos um papel fundamental na criação e na fixação do significado das palavras, ou, como afirma Hall, “[o] leitor é tão importante quando o escritor na produção de sentido. Todo significante dado ou decodificado com significado tem que ser significativamente interpretado ou decodificado pelo receptor” (Hall, 1980, *apud* Hall, 2016, p. 61).

Ao longo do tempo, as interpretações e representações se tornam tão arraigadas na mente que parecem ser a única maneira de entender as coisas.

Assim, ao fixar arbitrariamente as relações entre nosso sistema conceitual e nossos sistemas linguísticos (note-se, linguístico em um sentido amplo), os códigos nos possibilitam falar e ouvir inteligivelmente, e estabelecer uma “tradutibilidade” entre nossos conceitos e nossas línguas. Isso permite que o sentido passe do enunciador ao ouvinte e seja efetivamente comunicado dentro de uma cultura. Essa “tradutibilidade” não é dada pela natureza ou fixada pelos deuses, mas é criada socialmente e na cultura, como resultado de um conjunto de convenções sociais. (Hall, 2016, p. 42).

Ainda, segundo Stuart Hall, “[...] a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados que só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem” (Hall, 2016, p. 16). Esse sentido contido em tudo que é relativo ao negro é comum culturalmente ao povo Argentino.

Em resumo, apropriando-me das palavras de Hall (2016), o sentido não é apenas atribuir significados arbitrários às coisas, mas também está enraizado em nossos sistemas de representação. Nós categorizamos, classificamos e organizamos informações de acordo com nossos sistemas culturais e sociais. Esses sistemas de representação influenciam profundamente como percebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor. Podemos entender o sentido como uma construção humana complexa e fluida, que vai além das palavras e objetos em si e implica que o significado pode ser flexível e sujeito a mudanças à medida que nossa compreensão evolui.

Portanto, para que este sentido tenha significado comum entre os falantes, é necessário que eles compartilhem entre si formas similares de interpretação. Dentro de uma determinada cultura, as pessoas crescem absorvendo, de maneira muitas vezes imperceptível, um conjunto de normas, valores, crenças e significados. Esse processo de socialização resulta na formação de um “mapa conceitual” (Hall, 2016), que pode ser compreendido como uma estrutura mental que organiza e dá sentido ao

mundo ao redor. Assim, indivíduos que pertencem à mesma cultura tendem a desenvolver mapas conceituais que, embora possam ter suas compreensões individuais, possuem muitas semelhanças em sua essência coletiva. Para Hall,

[...] não podemos, contudo, comunicar esse sentido sem um segundo sistema de representação – a linguagem, que consiste em signos organizados em várias relações. Os signos, por sua vez, só podem transportar sentidos se possuímos códigos que nos permitam traduzir nossos conceitos em linguagem – e vice-versa. Esses códigos, que são cruciais para o sentido e a representação, não existem na natureza, mas são o resultado de convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa cultura – nossos “mapas de sentido” compartilhados – que aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela nos tornamos membros. (Hall, 2016, p. 54).

Por fim, o autor vê a linguagem não apenas como um conjunto de palavras ou signos isolados; cada palavra ou signo carrega consigo um peso de significados, sentidos e conotações. Assim, quando falantes de uma mesma cultura se comunicam, eles não estão apenas trocando palavras, mas todo um conjunto de significados e interpretações que essas palavras carregam em seu contexto cultural. Em outras palavras, para que haja uma troca de informações, emoções ou ideias efetivas e um intercâmbio de sentidos, é fundamental que os sujeitos envolvidos compartilhem um entendimento semelhante dos signos que estão sendo usados na comunicação.

3.1 TERMOS E EXPRESSÕES RACISTAS

A Língua Espanhola, conhecida na Argentina como castelhano, foi influenciada por diversos grupos étnicos e culturais que contribuíram para a formação social do país. Entre essas influências, destaca-se a da população negra. No entanto, é preocupante observar que muitas palavras de origem afro presentes no castelhano argentino carregam conotações pejorativas. Isso é uma manifestação de que o racismo, seja ele cultural, estrutural ou linguístico, ainda persiste e se prolifera na sociedade. Pelo viés da teoria do "pacto narcísico da branquitude" (Bento, 2022), podemos sugerir que na Argentina há uma resistência em refletir criticamente sobre o uso da linguagem, há um silenciamento que contribui para a perpetuação de expressões e palavras com teor racista. Se a língua é um reflexo da sociedade, poderíamos dizer que o castelhano falado na Argentina carrega fortes tons de branquitude. Para nascimento (2019),

Nenhuma língua tem cor em si simplesmente porque as línguas não existem em si. Mas as línguas têm sujeitos por trás delas. E esses sujeitos são situados e datados, no ocidente, por sistemas de racionalidade que, como disse anteriormente, vem racializando sujeitos nas Américas desde 1492. (Nascimento, 2019, p. 20).

Seguindo essa linha de pensamento e entendendo que os sujeitos por trás da língua são quem a constitui, Maffia e Tamagno (2014) apontam que as representações dos afroargentinos nunca foram vistas com “bons olhos”, já que o imaginário que se tem sobre os negros na Argentina, está intimamente ligado ao período escravocrata, esse imaginário, está fortemente enraizado nas práticas e nas representações sendo transmitido de pai para filho. Sobre os negros, pouco ou nada se fala, apenas repetem que “aqui não há negros” e os poucos que haviam foram devolvidos aos seus lugares após a abolição – essa fala, eu mesma ouvi de pessoas argentinas, por inúmeras vezes. Eliminar a história do negro, apagar qualquer vestígio de sua participação social, inculcar na mentalidade da população a não existência de pessoas negras, foi um projeto político, cultural e econômico que funcionou por um longo tempo. O que as pessoas brancas não esperavam é que um movimento convergente abrisse essa cortina e trouxesse à luz a discussão sobre o racismo, inserindo um espelho diante de cada argentino e demonstrando o quão racista essa sociedade é.

Para citar um exemplo dos termos e expressões preconceituosos utilizados na linguagem, partiremos da palavra NEGRO e, posteriormente, de suas expressões subjacentes como “Negro de mierda” e “trabajar como Negro”. Posteriormente, também o termo “Quilombo”, termos esses comuns a todos os argentinos no uso cotidiano da linguagem. Essas expressões são direcionadas a pessoas, a profissões, a quem têm empregos, ignorantemente, ditos “subalternos”, a alguém que comete algum tipo de crime, que está nervoso, que teve um dia ruim e, no caso da palavra “quilombo”, como sinônimo de bagunça, entendo que a significação dessa palavra assume significado diferente que em Brasil já em sua inserção na Língua Espanhola falada na região do Rio da Prata.

A colonialidade além de dizimar nações africanas, traficar pessoas de forma involuntária, apagar histórias e culturas, nos obrigar a ter que provar todos os dias que temos uma história e que ela é viva e dinâmica. Neste item do trabalho faremos a análise de algumas palavras que mudaram seu sentido original com base em postagens na rede social Facebook, cuja pesquisa foi feita utilizando a hashtag (#) e as expressões racistas na ferramenta de busca dessa rede social (lupa), delimitando

geograficamente a Argentina na ferramenta “local”. O intuito principal é comprovar que na Língua Espanhola falada na Argentina o racismo serve como pano de fundo para justificar atitudes discriminatórias contra negros.

3.2 NEGRO: DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

O advento das redes sociais trouxe uma série de transformações na maneira como nos comunicamos, interagimos e nos posicionamos no mundo. No entanto, além de ser uma ferramenta para conectar pessoas e compartilhar ideias, as redes sociais também têm sido palco de manifestações de ódio, racismo e outros preconceitos. Ao me debruçar sobre manifestações como as que seguem, tento reconhecer e delinear a complexidade do problema do racismo no meio digital dentro do contexto argentino. Abordar tais questões com rigor é fundamental para promover uma compreensão profunda e gerar soluções eficazes para punição dos agressores e contenção da disseminação de ódios raciais nessa rede social.

Inicialmente, o termo “negro” nada tinha a ver com a significação atual, a origem etimológica da palavra remonta ao latim “niger”, que simplesmente se referia à cor preta. Segundo Mendes (2022),

Etimologicamente, a palavra é derivada do latim “niger”, o que significa preto como uma cor, sem qualquer forma pejorativa. Segundo Godefroy (1888), a palavra “nègre ou nigre” – (preto) – apareceu no francês antigo no século XVI para designar a cor preta [...], para designar pessoas de cor preta; o termo será levado de 1529 para a palavra espanhola “negro, preto”. (Mendes, 2022, p. 21).

Pode-se perceber que a carga semântica dada pelo colonialismo está intrinsecamente ligada à escravização, a palavra traz consigo o ônus da colonização imposto às pessoas de origem afro. A evolução semântica do termo “negro” é um exemplo eloquente de como as palavras demonstram a bagagem cultural e histórica de uma sociedade comprovando que a língua não é racista, mas sim, os sujeitos por trás dela. A palavra que originalmente denotava apenas uma cor neutra ganhou conotações sociais complexas, refletindo a forma como as relações raciais foram moldadas ao longo dos séculos.

Sem dúvida, a palavra “negro” tem sido atribuída às populações africanas subsaariana e da costa oeste e, seus descendentes na diáspora, reduzidos à

escravidão. O substantivo assumiu ao longo do tempo uma conotação pejorativa e racista, influenciada pelos portugueses e outros colonialistas europeus, que a adotaram e transportaram para suas colônias. Intrinsecamente ligada a história de escravidão, colonização e capitalismo primitivo escravista, o termo “negro” tem servido de radical para palavras relativas ao tráfico de cativos africanos, chamado de “traite négrière” – tráfico de escravos negros – e os meios de transporte chamados de “navires négriers” – navios negreiros. (Mendes, 2022, p. 21).

Essa afirmação ilustra de maneira profunda a dinâmica e a interação entre linguagem e cultura, comprovando que as palavras não são meros signos ou símbolos; elas são entidades vivas, em constante transformação, absorvendo e refletindo as nuances e os valores das sociedades em que são usadas.

O uso da palavra “negro” e seus subjacentes, no contexto argentino, trazem consigo uma conotação pejorativa e violenta, uma espécie de poder simbólico (Bourdieu, 2007) que permeia a linguagem racista e seu usuário.

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o "pertencente" e o que não pertence ou é o "Outro", entre "pessoas de dentro" (insiders) e "forasteiros" (outsiders), entre nós e eles. (Hall, 2016, p. 192).

Para Hall (2016) há no uso da linguagem não apenas o intuito da comunicação, mas também uma demonstração de poder e dominação. Dentro desse contexto, a utilização do termo “negro’ pode ser interpretada como a manifestação desse poder simbólico, seu uso não é neutro, ao contrário, carrega consigo séculos de marginalização, estereotipização e exclusão.

Para comprovar a linguagem racista no contexto virtual argentino, analisaremos a seguir postagens e publicações feitas por usuários na rede social Facebook. Conforme explicado na metodologia, a pesquisa foi feita com base nos termos de interesse desta pesquisa por meio da ferramenta “Lupa” na rede social. A postagem que segue foi retirada da página argentina “Me estas Cargando?”, que em tradução livre pode ser entendida como “Você está de brincadeira comigo? (tradução minha).

FIGURA 2 ²⁶ – Me Estas Cargando?

FONTE: Facebook (2015).

Há nessa frase uma demonstração de poder, uma superioridade explícita, que diminui o outro a sua origem étnica desprestigiada pela sociedade hegemônica, própria criadora do racismo. Na publicação em questão consta cinquenta e cinco curtidas e cinco compartilhamentos e fornece uma visão reveladora das profundas e enraizadas narrativas raciais presentes na Argentina. Para melhor entender essa postagem, Hall (2016) corrobora com a ideia que aqui tento construir.

[...] a estereotipagem tende a ocorrer onde existe enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com Dyer, é o etnocentrismo "a aplicação das normas da própria cultura para a dos outros" (Brown, 1965: 183). Novamente, lembre-se do argumento de Derrida: entre oposições binárias como Nós/ Eles, "não estamos lidando com (...) uma coexistência pacífica (...) mas sim com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos governa (...) o outro, ou tem a primazia" (Derrida, 1972, p. 41, *apud* Hall, 2016, p. 193).

Assim, a mensagem é construída sob estereótipos prejudiciais e generalizações sobre a comunidade negra. Perpetua ideias racistas ao estereotipar o "Negro Agressivo" ao mencionar no início que há um "negro brigando sozinho". Esta é uma alusão ao estereótipo de que pessoas negras são inerentemente violentas ou agressivas. Essa generalização perpetua o racismo e alimenta um medo irracional contra a comunidade negra. Ao dizer "sem uma arma branca", a publicação sugere

²⁶ "Se você vê um negro brigando sozinho sem uma arma branca, por favor tire uma foto, isso não se vê todos os dias."

que é comum para pessoas negras portar uma arma quando estão em conflito. Esse tipo de uso da linguagem reforça um estigma do negro perigoso, alinhado com ideias de criminalidade. Podemos citar também a ideia de exótico que consta na frase "isso não se vê todos os dias", pois tenta tornar anormal a ideia de uma pessoa negra não estar armada ou ser violenta. Para Hall (2016),

O estabelecimento da normalidade (ou seja, o que é aceito como "normal") através de tipos sociais e estereótipos é um aspecto do hábito de grupos de decisão (...) que tentam moldar toda a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistema de valores, sensibilidades e ideologia. Essa concepção de mundo está tão clara para esses grupos, que fazem com que ela pareça (como realmente parece para eles) "natural" e "inevitável" para todos e, na medida em que têm sucesso nessa empreitada, eles estabelecem sua hegemonia (Dyer, 1977, p. 30 *apud* Hall, 2016, p. 193).

Esse tipo de postagem, especialmente em uma plataforma pública como o Facebook, não apenas reflete, mas também reforça crenças e estereótipos racistas em uma escala maior. Quando essas mensagens são disseminadas, elas solidificam estigmas, afetam a percepção pública e, como resultado, vemos a violência real contra a comunidade negra.

FIGURA 3²⁷ – Me estas Cargando?



FONTE: Facebook (2017)

²⁷ "Sabias que se permaneceres no escuro por três dias é porque não pagastes a luz, negro pobre."

A frase, além de racista, tem conotações socioeconômicas. Pode-se observar a intersecção da racialização e da estigmatização econômica na Argentina, uma vez que a combinação dos termos "negro" e "pobre" na mesma expressão sugere que os indivíduos negros são, por padrão, associados à pobreza. Isso generaliza e essencializa a experiência de ser negro de forma reduzida, além de auxiliar no processo de perpetuação e de marginalização da população negra, sugerindo que pessoas negras são inerentemente pobres ou financeiramente irresponsáveis. Essa combinação de estereótipos raciais e econômicos é uma redução simplista que desconsidera as nuances das experiências individuais e coletivas da população afrodescendente na Argentina.

Em outro contexto, o termo "NEGRO/ NEGRA", – também frequentemente utilizado, supostamente de forma afetuosa –, é um reflexo das complexidades sociolinguísticas e das camadas de significados culturais que existem dentro da sociedade. Como exemplo, podemos citar a cantora Mercedes Sosa, frequentemente referida com carinho como "La Negra" (Imagem 4). Embora esse apelido possa parecer uma mera expressão de afeto à primeira vista, ele também revela muito sobre as nuances do racismo velado presentes na cultura.

Ao analisar os traços indígenas de Sosa, podemos identificar uma tendência subjacente na sociedade em geral de associar carinhosamente pessoas de pele não branca aos termos "negra" ou "negro". No entanto, ao fazer isso, implicitamente categorizam-se e reforçam-se estereótipos raciais, mesmo que de maneira velada e muitas vezes não intencional.

Essa prática, embora frequentemente justificada como uma expressão de carinho, pode ser interpretada como uma forma de racismo microagressivo. É um lembrete sutil, porém constante, da diferenciação racial e da hierarquização social baseada na cor da pele. Mesmo que a intenção por trás dessas expressões possa ser inocente ou carinhosa, elas perpetuam um sistema no qual a cor da pele continua a ser um ponto central de identificação e, muitas vezes, de valorização.

FIGURA 4 – Mercedes Sosa



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2023)

A utilização do termo "negro" ou "negra" como um apelido ou termo de carinho também minimiza e homogeneiza as origens étnicas plurais da América Latina, pois generaliza a variedade de identidades existentes – indígena, africana e mestiça – sob uma única categoria, muitas vezes apagando as histórias individuais e coletivas de resistência, luta e contribuição desses grupos.

Em última análise, mas não menos importante, é essencial questionar, problematizar e refletir sobre o impacto e as implicações dessas expressões "carinhosas", bem como reconhecer as sutilezas linguísticas do racismo para que haja de fato reflexão e mudança.

3.3 “NEGRO DE MIERDA”

O uso da expressão “negro de mierda” está ligado diretamente às manifestações racistas da linguagem. É possível observar, quando na tentativa de demonstrar sua “superioridade”, que as pessoas “brancas” da Argentina utilizam o termo “negro” para designar todas as profissões, pessoas e atitudes que lhes parecem inadequadas/horríveis. Em muitos contextos, "negro" refere-se à cor da pele e é usado

para descrever pessoas de ascendência africana. No entanto, na Argentina, o termo "negro" tem uma conotação dupla. Ele pode ser usado para descrever alguém com pele escura, mas também pode ser usado de uma maneira mais ampla para referir-se à classe trabalhadora ou a pessoas de uma classe socioeconômica mais baixa, independentemente da cor da pele.

A expressão "negro de mierda" é frequentemente usada de maneira desdenhosa e é claramente ofensiva. Ela não apenas diminui e menospreza a pessoa com base em sua suposta classe socioeconômica, mas também associa essa classificação a algo ruim ou indesejável.

Para Stuart Hall (2016, p. 16), "[...] a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual 'damos sentido' às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados que só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem". Esse sentido contido em tudo que é relativo ao negro é comum culturalmente às pessoas brancas argentinas.

Visto pelas lentes de Hall (2016), então é necessário que os sujeitos se identifiquem com essa linguagem e compartilhem dos mesmos pensamentos, nesse caso, o pensamento racista. O significado do termo negro e da expressão "negro de mierda", compartilhado entre os cidadãos "europeus da América do Sul", remete ao racismo existente e inculcado na memória social e individual das pessoas brancas, bem como corrobora com o pacto da branquitude (Bento, 2022) ao silenciar, diminuir e menosprezar a importância da discussão.

É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanos similares. Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente.

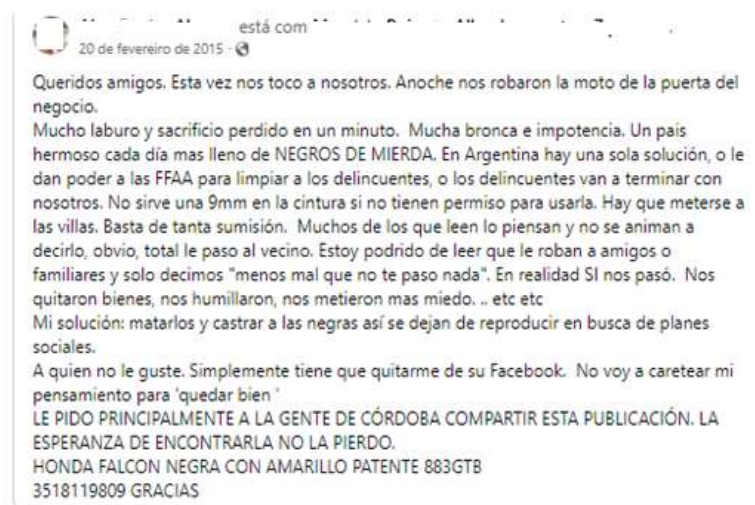
O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. (Bento, 2022, p. 24).

Há, além do silenciamento, uma negação explícita, uma não necessidade de tocar nesse assunto, um medo de descobrir-se longe da Europa e longe da América, um não pertencimento, uma vergonha interna nacional revestida de superioridade e "bom berço" que precisa ser gritada, exposta na internet e comprovada pela produção cultural do país que privilegia pessoas de pele clara em quase todos os meios massivos.

Em suma, é valioso pensar que uma expressão como esta (“Negro de mierda”) revela muito sobre a cultura dos argentinos, cultura essa forjada sob uma violenta exploração e expropriação de pessoas.

A figura que segue foi publicada em fevereiro de 2015 e foi compartilhada por amigos próximos no Facebook, por isso foi uma das primeiras a aparecer na pesquisa. Ela me deixou sem palavras inicialmente, desencadeou uma série de emoções em mim, compreensíveis e complexas, fez-me chorar, um pouco por medo, um pouco por raiva, por impotência. A consternação que essa declaração me provocou é um reflexo do profundo desgosto que muitos sentem quando confrontados com manifestações de racismo e misoginia tão cruas. O medo e a raiva que experimentei ao ler essa publicação, exacerbada por saber que alguém conhecido havia compartilhado, são reações completamente justificáveis diante de sua notável carga ofensiva. Essa postagem me paralisou por alguns minutos, mas isso é parte de um trabalho de enfrentamento do racismo na Argentina que está apenas no início.

FIGURA 5²⁸ – Publicação sobre o roubo de uma moto



²⁸ 20 de fevereiro de 2015

Queridos amigos. Desta vez foi a nossa vez. Ontem à noite nossa motocicleta foi roubada na porta da empresa. Muito trabalho e sacrifício perdidos em um minuto. Muita raiva e desamparo. Um país lindo cada dia mais cheio de NEGROS DE MERDA. Na Argentina só há uma solução, ou dão poder às Forças Armadas para limpar os criminosos, ou os criminosos vão acabar conosco. Uma 9mm não adianta na cintura se você não tiver permissão para usá-la. Você tem que ir para as vilas. Chega de tanta submissão. Muitos dos que leem pensam assim e não se atrevem a dizê-lo, obviamente, veja o que aconteceu ao vizinho. Estou cansado de ler que eles roubam amigos ou familiares e nós apenas dizemos “graças a Deus nada aconteceu com você”. Na verdade, sim, aconteceu algo conosco. Tomaram nossos bens, nos humilharam, nos deram mais medo... etc etc. Minha solução: matá-los e castrar as negras para que parem de se reproduzir em busca de planos sociais. Quem não gostar. Só precisa me remover do seu Facebook. Eu não vou mentir o que eu penso para “ficar bem”. [...] (tradução nossa)

FONTE: Facebook (2015)

Essa publicação esclarece exatamente como os argentinos negam a existência dos negros no país, dizem ser um país igualitário onde não existe racismo, mas difundem o ódio perverso contra negros nas redes sociais e em suas vidas cotidianas, mesmo sem perceber, comprovando que o racismo está impregnado na linguagem cotidiana.

Há vários pontos que devem ser analisados, um deles é a fala constante de que na Argentina “não há negros”, mas, se não há, como é possível que os termos “negros”, “favelas (villas), “planos sociais (planes sociales)” estejam conectados em uma única postagem? Há que se levar em consideração que os negros na Argentina, após a abolição, não tiveram acesso à educação, à moradia e muito menos à possibilidade de crescimento, logo, como ocorreu em outros países, tiveram que criar bairros, hoje conhecidos como “villas”. Com o passar do tempo, alguns governos elaboraram políticas afirmativas – algumas problemáticas, mas esse não é foco desta discussão – conhecidas como “planes sociales” que, em tradução livre, equivale a planos sociais. Observe a afirmação de Andrew (1989) sobre a educação para os afroargentinos.

En el área de educación, los afroargentinos gradualmente mejoraron su posición a medida que avanzaba el período nacional, pero la lucha por la igualdad fue larga y exasperante. Era especialmente difícil en la ciudad de Córdoba, donde los negros fueron admitidos por primera vez en las escuelas públicas en 1829, con una cuota de dos afroargentinos por año a los que se les permitía el ingreso en la escuela secundaria. Aun en 1852 a los afroargentinos se les prohibía oficialmente el ingreso en la Universidad de Córdoba, según normas que habían quedado inalteradas desde el período colonial. (Andrews, p. 70, 1989)²⁹.

Seguindo a ideia do autor, sabemos que a educação em muitos casos é um divisor de águas na vida de pessoas negras, ao não ter acesso à educação e outras políticas, a população negra por consequência também é a mais pobre. Portanto, todas essas expressões estão conectadas, pois a raiva por ter sido roubado embasa

²⁹“Na área da educação, os afroargentinos gradualmente melhoraram sua posição à medida que o período nacional avançava, mas a luta pela igualdade foi longa e exasperante. Era especialmente difícil na cidade de Córdoba, onde os negros foram admitidos pela primeira vez nas escolas públicas em 1829, com uma cota de dois afroargentinos por ano aos quais era permitido o ingresso no ensino médio. Ainda em 1852, aos afroargentinos era oficialmente proibido o ingresso na Universidade de Córdoba, segundo normas que haviam permanecido inalteradas desde o período colonial.” (ANDREWS, p. 70, 1989, tradução nossa).

o racismo e o ódio difundido na postagem. É comum que em situações como essa, ouçamos justificativas capciosas como a de que em nenhum momento estava sendo racista e/ou machista, apenas estava expressando sua indignação contra o roubo.

Outra questão importante nessa postagem é a armadilha da generalização, pois, ao tentar expor o ato criminoso, a ação de um indivíduo culpabilizou todas as pessoas negras, uma generalização falha e perigosa que promove e auxilia a perpetuação do estereótipo distorcido do negro visto como bandido/ladrão, visão que resulta em mortes diárias de jovens negros em todo o mundo³⁰. O incidente envolvendo o roubo da moto torna evidente como eventos traumáticos pessoais podem ser deturpados para justificar e manifestar preconceitos raciais latentes, criando uma conexão indevida entre o crime e pessoas negras.

Na frase “Mi solución: matarlos y castrar a las negras” em tradução livre, “minha solução é matar os negros e castrar as negras”, há uma explícita demonstração de violência e incitação ao genocídio, uma vez que o uso de linguagem com o intuito de promover a morte e a mutilação de um grupo étnico já foi utilizado em outras ocasiões na história – lembro aqui o que foi dito anteriormente sobre a Argentina ter servido de abrigo para nazistas – e este tipo de linguagem precedeu ações de grande violência contra comunidades inteiras. Para Kilomba (2019),

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como objeto “ruim”, incorporado os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável, permitindo a branquitude olhar para si como moralmente ideal, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (Kilomba, 2019, p. 37).

Em resumo, no mundo conceitual branco essa dinâmica reflete a forma como a sociedade branca frequentemente se apropria e distorce as identidades e experiências dos sujeitos negros para seu próprio benefício. Ao rotular o sujeito negro como “ruim” ou “perigoso”, a branquitude justifica sua própria superioridade e mantém seu domínio sobre a narrativa histórica e cultural. Essa visão distorcida também serve para mascarar o racismo, as injustiças, as violências e as desigualdades profundas que persistem nas sociedades racialmente estratificadas.

³⁰ Fundação Roberto marinho (mar. 2024).

Outra associação feita por pessoas na rede social é a de que os negros não têm direito algum na sociedade argentina e que também não podem acreditar que tenham.

FIGURA 6 – Quando você é Negro e acredita que tem direitos



FONTE: Facebook (2018)

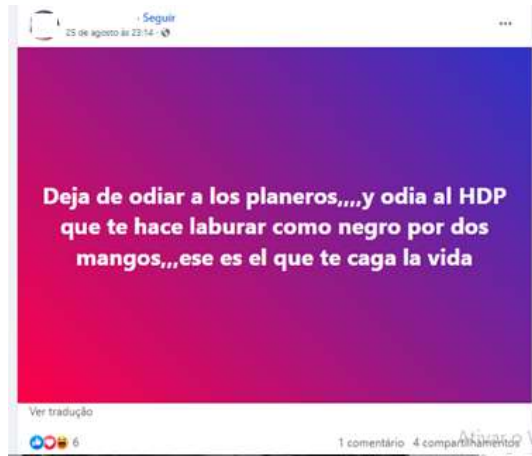
Postagens como essa levam um sentimento de desesperança e descrença em relação aos direitos de pessoas negras, há aqui uma repulsa quando se trata da luta por direitos de uma classe que não é dominante. As manifestações por direitos civis desempenham um papel vital ao chamar a atenção para questões sistêmicas de discriminação e desigualdade e ao mobilizar a sociedade para a mudança. Além disso, a frase nos lembra que a questão racial é complexa e vai além das questões materiais, pois ela abrange a forma como as pessoas são tratadas e percebidas em diversos aspectos da vida, incluindo educação, emprego, habitação e interações cotidianas.

Portanto, o reconhecimento da igualdade racial não se limita apenas à lei, mas também à mudança de mentalidades e atitudes. Ninguém quer ser negro na Argentina. Para as pessoas brancas é cômodo silenciar e negar o racismo. Lopez (2005, p.16) faz uma afirmação categórica e clara sobre o silenciamento com relação ao racismo na Argentina, apontando que atrás de frases como “não há negros na Argentina”, segue a afirmação de que “não existe racismo”, logo “não há nada para se discutir aqui”.

3.4 TRABALHAR COMO UM NEGRO

Observemos a imagem a seguir:

FIGURA 7³¹ – Não odeio quem recebe auxílio social



FONTE: Facebook (2017).

Apenas para colaborar com a discussão que farei da imagem anterior, abro dois parêntesis. Um para falar da palavra "laburar", que é um lunfardo, e outro para explicar o que é lunfardo. A palavra lunfardo por si só tem um significado bastante preconceituoso no dicionário da Real Academia Española e no dicionário Oxford online. Em busca rápida no Google, encontramos que Lunfardo é uma "gíria falada por pessoas de classe baixa e malandros de Buenos Aires que posteriormente se estendeu a Rio da Prata (3. m. Arg. p. us. Delinquente)". Essas expressões são uma mistura de gírias, expressões idiomáticas e palavras provenientes de diferentes culturas, incluindo a africana. Embora o lunfardo tenha sido influenciado por várias fontes, como imigrantes europeus e povos indígenas, fica evidente os indícios e contribuições afroargentinas em seu desenvolvimento. Já a palavra "laburar" vem do italiano "lavorare" e começa a ser utilizada com a chegada dos italianos na Argentina. No caso da postagem anterior, acrescida da expressão "como um negro", revela a estrutura racista da linguagem, pois em nenhum momento ouve-se a frase "laburar como un italiano".

A expressão "laburar como un negro" pode ser traduzida livremente como "trabalhar arduamente", e, em sua superfície, parece inofensiva na tradução, no entanto a frase carrega uma carga simbólica mais profunda. O uso do termo "negro"

³¹ "Deixe de odiar aos que recebem planos governamentais. Odeie aos FDP que fazem você trabalhar como um negro por duas moedas [...]".

implica uma relação com trabalho árduo, retomando a história de exploração e opressão sofridas pelos negros em sua relação com o trabalho. A descrição de um trabalho árduo através da imagem de um "negro" ressoa com as eras de escravização e subjugação que os afrodescendentes enfrentaram na Argentina e em toda América, trabalhavam muito e não ganhavam nada.

3.5 "QUILOMBO"

Localizados em regiões remotas, esses assentamentos tornaram-se bastiões de resistência, autonomia e cultura afro-brasileira. A palavra tem origem na língua bantu, trazida para a América Latina pelos escravizados africanos. Na Argentina e na região do Rio da Prata, o termo se incorporou ao léxico cotidiano com uma semântica drasticamente diferente. Por meio de uma busca rápida no dicionário da Real Academia Española (RAE), podemos verificar como primeira significação: prostíbulo: em segunda definição Lío, barullo, gresca, desordene; como terceira lugar apartado y de difícil acceso, andurrial (andarilho), este terceiro significado é o que mais se aproxima da significação para nós brasileiros. A inserção da palavra no léxico espanhol ainda é um mistério, não há indícios se ela se incorporou por meio de falantes oriundos do Brasil ou se a significação veio diretamente da África, no entanto o distanciamento de significados indica que ela pode ter sido inserida diretamente da África ao contexto rio-platense.

Contudo, a maioria dos escravizados que entraram em terras argentinas no período da escravização eram oriundos do Brasil o que causa uma divergência nos estudos relativos a essa palavra. Outra observação importante a se fazer é que algumas palavras de origem africana como: mandinga, mucama e candombe, em determinado período, compartilham o mesmo significado tanto em espanhol quanto em Língua Portuguesa, como aponta Alkmim, Borba, Cooll (2012).

Estos vocablos ora comparten su significado en español o portugués, ora evolucionan semánticamente en direcciones próximas pero diferentes, como es el caso de mandinga que se desarrolla en el español rioplatense con el significado de "diablo" mientras que en portugués lo hace con el de "hechizo". En otros casos, vocablos que estaban vigentes en el español y el portugués del XIX, dejan de usarse en el español actual y se mantienen en el portugués (por ejemplo, moleque/muleque) mientras que ciertas palabras prácticamente dejan de usarse en el portugués y se mantienen vigentes en el español (como

es el caso de candombe v mucama), aunque con un significado diferente al original. (Alkmim, Borba, Cooll, p. 71, 2012)³².

No caso da palavra “quilombo”, segundo Laguarda (1969) que serviu como base desta pesquisa, a entrada da palavra na Língua Espanhola e seu significado atual na região Do Rio da Prata pode ter surgido em uma crônica do navegador e cronista Juan Francisco de Aguirre, publicada no livro *Anales de la Biblioteca* dirigido por Groussac. Para o navegador, a palavra “quilombo” significava um armazém onde os escravizados eram vendidos, ou seja, “casa de vendas”, explicação possível para o significado que adquiriu ao longo do tempo nessa região. Segundo Laguarda (1969),

En el Río de la Plata, al final del siglo XVIII, la palabra, según el marino español Juan Francisco de Aguirre, designaba el almacén donde ponían en venta a los negros esclavos recién llegados al país (192). Este sentido de “casa de venta”, en el sentir de Groussac, condujo a la acepción de “burdel” que hoy tiene en la Argentina y el Uruguay, y también en Chile, según el DRAE, y en el Perú y Bolivia, según Malaret. La Academia Española dio entrada al vocablo, con dos acepciones, en la 16ª edición del DRAE (1936), sin indicar etimología (193); con anterioridad la voz figuraba en casi todos los vocabularios rioplatenses, de Granada, Segovia, Garzón, Monner Sans, etc. (Laguarda, p. 95, 1969)³³.

Não é possível encontrar muitos relatos da entrada da palavra no idioma, mas, segundo a RAE, a palavra é de origem africana e significa “prostíbulo”, “barulho” ou “Bagunça”, ou “lugar de difícil acesso” este último utilizado na Venezuela.

Para título de curiosidade, fui em busca do livro em que a palavra quilombo aparece pela primeira vez indicando um significado possível para sua introdução na Língua Espanhola na crônica de Juan Francisco de Aguirre citado por Groussac em 1905. Aguirre relata sua chegada às terras brasileiras, mais especificamente ao Rio

³² Estas palavras ou partilham o seu significado em espanhol ou português, ou evoluem semanticamente em direções semelhantes, mas diferentes, como é o caso de Mandinga, que se desenvolve no espanhol fluvial com o significado de "diabo" enquanto em português o faz com o significado de "soletrar". Em outros casos, palavras que eram correntes em espanhol e português no século XIX deixam de ser usadas no espanhol atual e permanecem em português (por exemplo, moleque/muleque) enquanto certas palavras praticamente deixam de ser usadas em português e permanecem válidas em espanhol (como é o caso do candombe e mucama embora com um significado diferente do original. (ALKMIM, BORBA, COOLL, p. 70, 2012, tradução nossa).

³³ No Rio da Prata, no final do século XVIII, a palavra, de acordo com o marinheiro espanhol Juan Francisco de Aguirre, designava o depósito onde colocavam à venda os escravizados recém-chegados ao país (192). Esse significado de “casa de venda”, conforme o entendimento de Groussac, levou à aceção de “bordel” que hoje é empregado na Argentina e no Uruguai, bem como no Chile, de acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), e também no Peru e na Bolívia, segundo Malaret. A Real Academia Espanhola incluiu a palavra, com duas aceções, na 16ª edição do DRAE (1936), sem indicar a etimologia (193); anteriormente, a palavra estava presente em quase todos os vocabulários. (Laguarda, p. 95, 1969, tradução nossa).

de Janeiro em 1783, bem como a rotina da venda de escravizados na praça da cidade e cita a palavra quilombo e seu significado, no trecho que segue.

Los mineros son privilegiados para escoger primero que los otros en los **quilombos** (1) que son los almacenes donde los ponen a venta, acabados de transportar de su país. A más de estos consumos, en el día es bastante considerable la extracción para el Rio de la Plata, con consentimiento de ambos gobiernos. (Aguirre *apud* Groussac, 1905, p.99)³⁴.

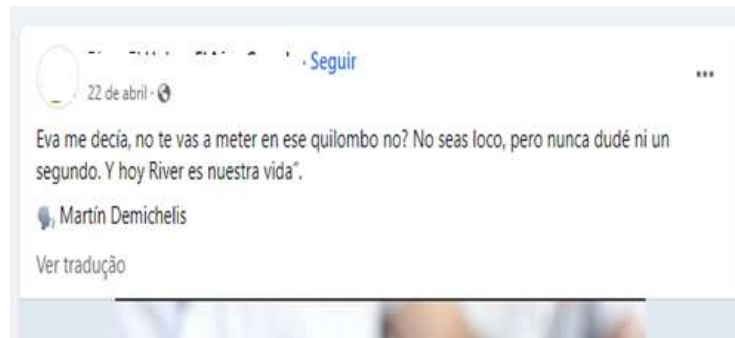
Para o navegador e cronista, quilombo nada mais era que os armazéns nos quais os escravizados recém-chegados eram postos à venda. No comentário do livro, Groussac (1905) faz uma análise do significado da palavra relatando que o uso nesse dado momento não era usual, portanto a significação atual da palavra quilombo na Argentina e região pode ter sido oriunda desta relação com a expressão “casa de venda”, como também da relação ruim que brasileiros tinham com os rio-platenses ao longo dos tempos como aponta Groussac (1905).

(1) Esta voz, de origen africano, significó primitivamente en el Brasil el refugio silvestre de los esclavos cimarrones. El segundo sentido de casa de venta condujo a la acepción lupanaria que es sabido tiene en la Banda Oriental y la Argentina. El hecho de que la emplee tan llanamente el pulcro Aguirre, después de permanecer algunos años en este país, indica que dicha acepción no era todavía corriente. Acaso contribuyese al envilecimiento de la voz exótica el estado de hostilidad que reinó durante años entre platenses y brasileños. (Groussac, p.99, 1905)³⁵.

Em ambos os casos possíveis da introdução da palavra, a relação de racismo, se vista por nós pessoas negras brasileiras, persiste. Vejamos alguns exemplos do uso da palavra “quilombo” na Argentina nas figuras 8, 9 e 10 a seguir.

³⁴Os mineiros têm o privilégio de escolher primeiro do que os outros nos quilombos (1), que são os armazéns onde os colocam à venda, recém-chegados do seu país. Além desses suprimentos, a extração para o Rio da Prata no dia-a-dia é bastante considerável, com o consentimento de ambos os governos. (Aguirre *apud* Groussac, p.99 1905, tradução nossa).

³⁵Essa palavra, de origem africana, originalmente significava no Brasil o refúgio selvagem dos escravos fugitivos. O segundo sentido de "casa de venda" levou à acepção de prostíbulo, como é conhecido na Banda Oriental e na Argentina. O fato de o respeitável Aguirre usar essa palavra com tanta naturalidade depois de passar alguns anos neste país indica que essa acepção ainda não era comum. Talvez a hostilidade que reinou por anos entre os habitantes do Rio da Prata e os brasileiros tenha contribuído para a degradação dessa palavra exótica. (GROUSSAC, p.99, 1905, tradução nossa).

FIGURA 8³⁶ – Não vá se meter em confusão!

FONTE: Facebook(2023)

FIGURA 9³⁷ – Isso é buscar confusão

FONTE: Facebook(2020).

A publicação que segue é do cantor e compositor de rock argentino Andrés Calamaro, uma figura importante no cenário musical do país. O uso do termo “Quilombo” na postagem, indica que os equatorianos estão passando por algo muito ruim, uma bagunça generalizada, algo grave. A escolha lexical para descrever uma situação problemática enfrentada pelos equatorianos em nenhum momento é considerada problemática e inadequada para o contexto argentino. “Quilombo” é um termo historicamente associado às comunidades de escravizados fugitivos no Brasil, que buscavam liberdade e autonomia em meio à opressão. Essa palavra no contexto argentino descreve uma situação de caos ou desordem.

FIGURA 10 – Publicação de um cantor famoso



FONTE: Facebook (2019)

³⁶ “Eva dizia-me, você não irá envolver-se nesta bagunça né? [...]” (tradução nossa).

³⁷ [...] Se isso não é buscar confusão? Onde está a confusão? (tradução nossa).

Tendo a linguagem como a representação dinâmica da cultura e da história de uma sociedade as palavras, no caso das postagens aqui analisadas, podem atuar como veículos de preconceitos, discriminações e propagação da linguagem racista se analisa desde nossas lentes. A frase "No te vas a meter en quilombo!", traduz-se aproximadamente como "Não vai se meter em confusão!". Na semântica da Língua Portuguesa, o termo é inicialmente associado à noção de resistência, já nos países do Rio da Prata a conotação é pejorativa e significa caos e problemas, poderíamos analisar a palavra como uma apropriação cultural com deturpação da significação original, no entanto a introdução da palavra nessas regiões não é precisa. Essa transição semântica poderia ser entendida então como um transplante de um contexto cultural para outro, com alteração total de significado, já que não sabemos com precisão de que contexto a palavra foi originalmente retirada.

Nesta discussão partimos também da ideia de que os quilombos no Brasil eram considerados um problema para as pessoas brancas do período colonial e para a sociedade era dito que dentro dos quilombos existia uma bagunça generalizada, um caos. Na Argentina o termo não é reconhecido com significado de resistência e luta, a palavra perde a profundidade que nós brasileiros atribuímos a ela e se reduz a sinônimo de caos. Em Língua Espanhola falada na Argentina, os quilombolas são chamados de "cimarrones", um adjetivo que tem como significado inicial "animal doméstico que foge para o campo e se volta selvagem" e em último significado nos países da América do Sul e América Central designa escravizados que se refugiavam nos montes em busca de liberdade. Esses lugares eram conhecidos como palenques.

De fato, a Língua Espanhola falada na Argentina foi influenciada pela presença e pela contribuição da população negra ao longo da história, ainda que a contribuição linguística não seja reconhecida e documentada, há evidências que indicam essa influência na linguagem falada no cotidiano. No entanto em relação à palavra Quilombo, não podemos afirmar categoricamente que seu uso tem objetivo e conotações racistas, pois quando analisada em contexto argentino faltam informações relativas à introdução da palavra no idioma. Porém fica evidente como o colonialismo constituiu o racismo. Ainda, vale ressaltar que não podemos transpor os significados das palavras quando tratamos de análise linguística como a que aqui tentei construir, pautada no contexto cultural, histórico conectados ao contexto linguístico, sendo assim a significação da palavra Quilombo na Argentina para nós brasileiros é considerada racista mas ao faltar documentos para analisar a introdução dessa

palavra ao contexto histórico e linguístico do país pode haver alteração nesta significação.

3.6 O PACTO

Observemos a figura a seguir:

FIGURA 11³⁸ – Macri é Branco e tem Olhos Azuis, nada de ruim pode nos acontecer



FONTE: Facebook (2015)

A frase "Macri é branco e tem olhos azuis, nada de ruim pode nos passar" é altamente carregada em termos de conotações raciais, culturais e políticas, especialmente no contexto argentino. A referência é a Mauricio Macri, que foi presidente da Argentina entre 2015 e 2019. Sua eleição foi representativa de uma mudança política significativa em relação aos governos anteriores, que eram mais associados ao kirchnerismo e ao peronismo de esquerda.

"Branco e olhos azuis", estas características são frequentemente associadas na cultura ocidental à ideia de privilégio, beleza, pureza ou superioridade, refletindo preconceitos e estereótipos. Na Argentina, a cor da pele e outros traços físicos definem status social, poder e riqueza. Nesse contexto, ser "branco" ou ter "olhos azuis" pode ser visto como um símbolo de status, que comprova o pato narcísico descrito por Cida Bento (2022).

É possível identificar a existência de um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação a seus ancestrais, atos vergonhosos como

³⁸ Macri é um homem branco e tem olhos azuis, nada de ruim pode nos passar.

assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta. Assim é que a realidade da supremacia branca [...]. (Bento, 2022, p. 23).

"Nada de ruim pode nos passar", esta oração sugere que, devido às características físicas de Macri, ele é inerentemente confiável ou que, sob sua liderança, a Argentina estaria protegida de adversidades. Isso perpetua a ideia de que certas características raciais ou físicas são superiores. Há uma ideia subjacente de que a aparência europeia (branca, olhos azuis) de Macri de alguma forma o torna mais apto para liderar ou proteger o país, o que é uma simplificação extremamente problemática e carregada de preconceitos. Para Bento (2022):

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer "tacitamente" a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos "não iguais" ou não suficientemente meritosos. (Bento, 2022, p. 24-25).

A centralidade do tom de pele revela a valorização eurocêntrica por parte dos argentinos, que em muitas regiões do país, em sua maioria, tem a pele escura. Ainda, demonstra uma profunda e complexa rede de significados e construções sociais que remontam à colonialidade. Termos como "cruéis", "bestiais" e "incivilizados" serviram como categorias para desumanizar e inferiorizar povos não europeus, particularmente aqueles de pele mais escura.

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor. As noções de "bárbaros", "pagãos", "selvagens" e "primitivos" evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. Como diz Edward Said, o olhar europeu transformou os não europeus em um diferente e, muitas vezes ameaçador, outro. (Bento, 2022 p. 28).

A visão de mundo eurocêntrica, armada com esses rótulos e distinções, não apenas observava, mas também agia sobre o mundo com um sentido de missão. O "fardo do homem branco" e a ideia da "missão civilizadora" justificavam a colonização, a conversão religiosa e a imposição de sistemas políticos e econômicos sobre os

povos colonizados. Na Argentina contemporânea, os ecos da colonização se apresentam como racismo, discriminação e preconceitos que aparecem arraigados na sociedade e em publicações como a recém-analisada.

A supremacia branca, o racismo sistêmico e as disparidades socioeconômicas são manifestações contemporâneas dessa longa história de distinção baseada na cor da pele.

Em suma, a frase da postagem combina preconceitos raciais com política, apresentando uma visão superficial, controversa e violenta. Independentemente de sua intenção (séria ou sarcástica), ela reflete e perpetua estereótipos preconceituosos sobre raça, liderança e poder. Em qualquer discussão ou análise, é vital reconhecer as camadas de significado e as implicações de declarações como essa.

3.7 NÃO EXISTE RACISMO NA ARGENTINA

As imagens que seguem reforçam que o pacto da branquitude (Bento, 2022) fica ainda mais visível quando um órgão que tem como função principal falar e combater o racismo na Argentina (INADI) faz uma publicação sobre o tema e a população reage confirmando tudo que foi exposto anteriormente nesta pesquisa.

A reação da população, como observada nos comentários subsequentes, apenas reforça e valida as informações apresentadas pelo INADI, fornecendo uma vívida ilustração da extensão do problema do racismo na sociedade argentina. Isso sugere que as atitudes discriminatórias e preconceituosas estão tão profundamente enraizadas que as pessoas não apenas fingem não as reconhecer, mas também negam veementemente as evidências apresentadas, resistindo a qualquer desafio ou questionamento do *status quo*.

A narrativa da branquitude se apresentava marcada por ressentimento e amargura e ocultava as profundas desigualdades raciais na sociedade, e alguns profissionais da mídia diziam querer viver em um lugar onde brancos não tivessem que se sentir mal por serem brancos. Por um lado, os negros eram representados como povos estrangeiros, menos civilizados, essencialmente inferiores por herança genética. Por outro, os homens brancos se definiram como vítimas de um preconceito racial às avessas. (Bento, p.58, 2022).

Seguindo a ideia de Bento (2022), a população branca argentina se sente ofendida quando é chamada de racista e insiste em uma igualdade que só existe entre eles (os brancos), enquanto qualquer outra etnia permanece sendo “os outros”, os

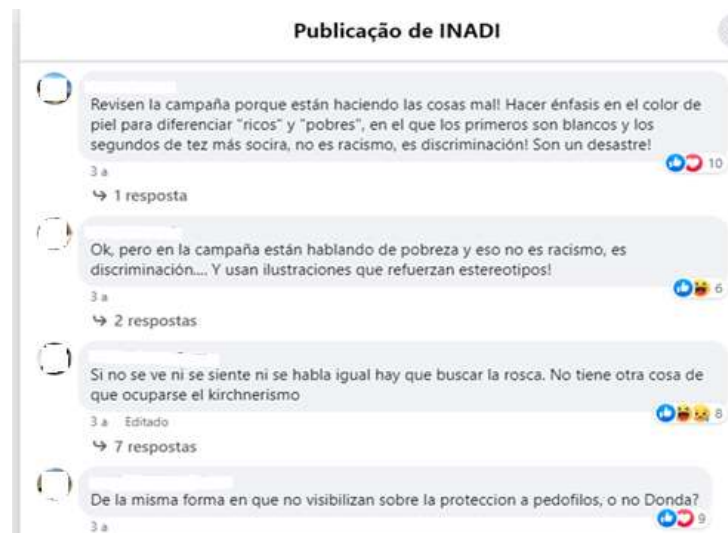
menos civilizados. Essa resposta da população revela o alcance do pacto da branquitude, que não apenas perpetua o racismo, mas desencoraja qualquer tentativa de confrontá-lo. O medo de abordar esse problema, seja por desconhecimento, negação ou por manter o privilégio branco, mantém as conversas sobre racismo em um estado de estagnação. Isso impede a sociedade argentina de avançar na direção da igualdade e da justiça racial, pois as barreiras para o diálogo aberto e a mudança significativa permanecem intactas com o não reconhecimento do racismo.

FIGURA 12 – Racismo não existe!



FONTE: INADI – Facebook (2020)

FIGURA 13 – Os comentários



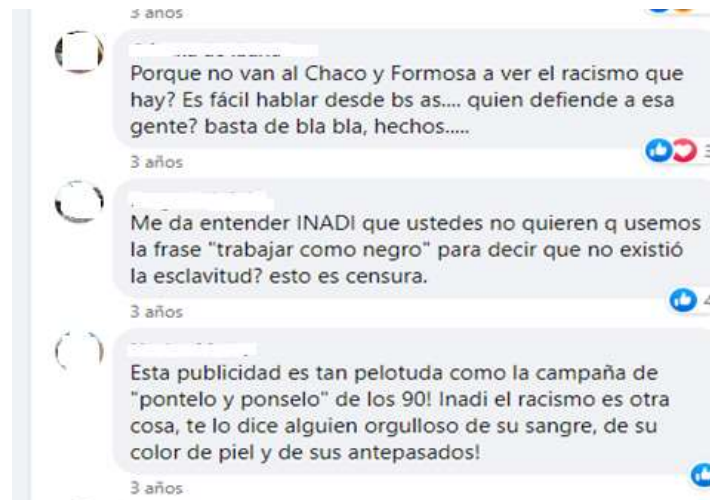
FONTE: INADI- Facebook (2020)

FIGURA 14 – Publicação de INADI



FONTE: INADI - Facebook (2020)

FIGURA 15 – Comentários da publicação de INADI



FONTE: INADI –Facebook (2020)

Minimizar o fato da população argentina ser racista é uma forma de manter o pacto entre pessoas brancas, negando a existência de racismo não há necessidade de falar sobre ele. Ao torná-lo um tema de pouca ou nenhuma relevância, dificulta a conscientização, a análise e a busca por soluções para as desigualdades raciais que persistem no país. Comentários e pensamentos como esses impedem a compreensão e, logo, o combate do racismo em país tão desigual como é a Argentina.

CAPÍTULO 4 – MOVIMENTOS CONVERGENTES

A história da Argentina é profundamente marcada por processos coloniais que, por séculos, moldaram suas práticas socioculturais valores e instituições. Partindo de uma perspectiva decolonial, podemos, a partir de uma nova lente, tentar observar o quão necessário foi – e é – a criação de Associações e Institutos que trabalhem e lutem contra a hegemonia, o racismo e a discriminação. Neste capítulo, portanto, tento delinear a luta dos movimentos antirracistas e de valorização dos afroargentinos ao longo dos tempos até a criação do INADI. Para entender a relação entre o INADI e a decolonialidade, é essencial elucidar o conceito proposto por Mignolo (2007) que vê a decolonialidade como um processo de desvendar, resistir e criar alternativas ao modo de pensar eurocêntrico e, conseqüentemente, desafiar as estruturas de poder que se originaram com a colonização. Para o autor:

Colonialismo se refiere a períodos históricos específicos y a lugares de dominio imperial (español, holandés, británico y, desde principios del siglo XX, estadounidense); “colonialidad”, en cambio, denota la estructura lógica del dominio colonial que subyace en el control español, holandés, británico y estadounidense de la economía y la política del Atlántico, desde donde se extiende a casi todo el mundo. En cada uno de los períodos imperiales del colonialismo – con predominio de España (siglos XVI y XVII), Inglaterra (desde el siglo XIX hasta la Segunda Guerra Mundial) o Estados Unidos (desde principios del siglo xx hasta nuestros días) – se ha mantenido la misma lógica aunque el poder haya cambiado de manos. (Mignolo, 2007, p. 33)³⁹.

A distinção feita por Mignolo (2007) entre "colonialismo" e "colonialidade" é fundamental para compreender a persistência e manifestação de atitudes e estruturas racistas na sociedade pós-colonial argentina e, após todas as informações levantadas ao longo desta dissertação, essa distinção se torna especialmente relevante. Isso porque, embora tenha alcançado sua independência do domínio colonial espanhol no início do século XIX, a Argentina exhibe, ainda hoje, traços marcantes da "colonialidade" em sua estrutura social, política e cultural, já que fica evidente que o

³⁹ Colonialismo refere-se a períodos históricos específicos e a locais de domínio imperial (espanhol, holandês, britânico e, desde o início do século XX, americano); “colonialidade”, por outro lado, denota a estrutura lógica do domínio colonial que subjaz ao controle espanhol, holandês, britânico e americano da economia e da política do Atlântico, de onde se estende a quase todo o mundo. Em cada um dos períodos imperiais do colonialismo – com predomínio da Espanha (séculos XVI e XVII), Inglaterra (desde o século XIX até a Segunda Guerra Mundial) ou Estados Unidos (desde o início do século XX até os dias atuais) – a mesma lógica tem sido mantida, embora o poder tenha mudado de mãos. (Mignolo, 2007, p. 33, tradução nossa).

"colonialismo" formal terminou com a independência, mas a "colonialidade" persiste, principalmente quando se trata das comunidades afroargentinas e indígenas.

Esse legado colonial é perpetuado não apenas em ações, mas também na mentalidade, das quais a supremacia branca e a eurocentricidade continuam a ser norma. Assim, criar associações desde o início da diáspora até a criação do INADI, mais recentemente, pode ser visto não apenas como uma resposta social e, por consequência, institucional à discriminação, mas também como um movimento em direção à decolonialidade.

Ao reconhecer e combater explicitamente as formas de discriminação que têm raízes coloniais, essas associações e institutos se posicionam contra as normas eurocêntricas que ainda persistem desde o descobrimento/ invasão. Os estudos de Mignolo (2007) nos levam a compreender que:

El “descubrimiento” de América y el genocidio de esclavos africanos e indios son parte indispensable de los cimientos de la “modernidad”, una parte más significativa que la Revolución Francesa y la Revolución Industrial. Más aún, son la cara oculta, la más oscura de la modernidad: la “colonialidad”. (Mignolo, 2007, p.18)⁴⁰.

No trecho anterior, o autor chama a atenção para uma revisão crítica da história global e da narrativa dominante da modernidade. Enquanto muitos associam a modernidade a avanços europeus, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, o autor sugere que as verdadeiras raízes da modernidade podem ser encontradas nos eventos traumáticos do "descobrimento" da América e na subsequente exploração e genocídio de povos africanos e indígenas. Ressaltando a ideia de que a modernidade não pode ser desvinculada de sua contraparte obscura, que é a colonialidade.

Em outras palavras, os avanços e benefícios da modernidade para alguns vieram à custa da exploração, da subjugação e da extinção de outros. A colonialidade, portanto, não é apenas uma consequência histórica da modernidade, mas é entrelaçada e coexistente com ela, persistindo nas estruturas de poder e mentalidades até os dias de hoje. Reconhecer essa conexão e compreender o conceito de "colonialidade" é crucial para abordar e discutir as práticas e atitudes racistas

⁴⁰ O “descobrimento” da América e o genocídio de escravos africanos e indígenas são partes indispensáveis dos alicerces da “modernidade”, uma parte mais significativa que a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Além disso, eles são o lado oculto, o mais sombrio da modernidade: a “colonialidade”. (Mignolo, 2007, p.18, tradução nossa).

presentes na sociedade argentina e é crucial também para extingui-las. O país pode ter se libertado do "colonialismo" em termos políticos, ter alcançado sua independência do domínio colonial espanhol, no entanto, a luta contra a "colonialidade" que se manifesta como racismo, exclusão e discriminação ainda é uma questão pendente e necessária na agenda social da Argentina. Para Mignolo (2007, p. 36), “[e]s necesario volver a trazar el mapa del conocimiento y la interpretación”⁴¹.

4.1 INDO DE ENCONTRO AO RACISMO: AS ASSOCIAÇÕES E A CONTÍNUA LUTA CONTRA O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO PROFUNDA NA ARGENTINA – INADI

O INADI – Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo – que se diz comprometido com a elaboração de políticas e ações concretas, representa um avanço significativo para a Argentina no caminho contra o racismo. No entanto o instituto foi fechado pelo atual presidente da Argentina Javier Milei.

Para entender o contexto dessa iniciativa, é vital reconhecer os antecedentes legislativos relacionados à temática da discriminação no país. Em 1988, foi sancionada a lei 23.592, que discorria especificamente sobre os atos discriminatórios. Evidenciou uma preocupação por parte do legislativo argentino sobre a necessidade de abordar o tema, já que lança base para o entendimento legal sobre a discriminação. Vale destacar o artigo 3 da referida lei:

Art. 3°.- Serán reprimidos con prisión de un mes a tres años los que participaren en una organización o realizaren propaganda basados en ideas o teorías de superioridad de una raza o de un grupo de personas de determinada religión, origen étnico o color, que tengan por objeto la justificación o promoción de la discriminación racial o religiosa en cualquier forma. En igual pena incurrirán quienes por cualquier medio alentaren o incitaren a la persecución o el odio contra una persona o grupos de personas a causa de su raza, religión, nacionalidad o ideas políticas.⁴²

Ao analisar o panorama atual da Argentina, fica evidente que a formalização de uma lei nem sempre se traduz em mudanças palpáveis e estruturadas na

⁴¹ “É necessário voltar a traçar o mapa do conhecimento e da interpretação”. (Mignolo, 2007, p. 36, tradução nossa).

⁴² Art. 3° - Serão reprimidos com prisão de um mês a três anos aqueles que participarem de uma organização ou realizarem propaganda baseados em ideias ou teorias de superioridade de uma raça ou de um grupo de pessoas de determinada religião, origem étnica ou cor, que tenham por objetivo a justificação ou promoção da discriminação racial ou religiosa de qualquer forma. Incurrerão na mesma pena aqueles que, por qualquer meio, incentivarem ou incitarem à perseguição ou ao ódio contra uma pessoa ou grupos de pessoas por causa de sua raça, religião, nacionalidade ou ideias políticas. (tradução nossa).

sociedade. A legislação, por si só, não é suficiente para erradicar preconceitos e práticas discriminatórias enraizadas na cultura e história de um país.

Nesse contexto surge, em 1995, o INADI, com o objetivo de combater a discriminação, a xenofobia e o racismo, representando um avanço significativo na legislação argentina. Segundo Victoria Donda Pérez, titular do instituto, no texto de abertura do documento:

La comunidad afrodescendiente argentina, integrada por más de dos millones de personas descendientes de africanos y africanas traídos como mano de obra esclavizada a lo que hoy es nuestro país, ha sido históricamente invisibilizada, negada y extranjerizada, producto del racismo estructural que opera en Argentina. Sin lugar a dudas, la creación de la Comisión para el Reconocimiento Histórico de la Comunidad Afroargentina no solo contribuye a desnaturalizar las prácticas racistas estructurales, sino que resulta apropiada del Estado, proporcionando una herramienta de vital importancia para el desarrollo de políticas públicas que impulsen el pleno goce de los derechos de los integrantes de dicha comunidad. (Pérez, 2021, p. 9)⁴³.

Dentro do cenário latino-americano, a Argentina conta com casos de racismos explícitos em jogos de futebol e nas redes sociais, conforme analisado anteriormente, com um ex-presidente que faz comentários racistas, uma nação que silencia o racismo constantemente e que, atualmente, enfrenta as consequências de suas ações relacionadas à discriminação, à xenofobia e ao racismo.

Tudo isso torna o trabalho do Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo (INADI) ainda mais desafiador, já que o governo se viu obrigado a reconhecer a comunidade afro existente em um país onde até então afirmava-se que “não havia negros”. Vale ressaltar que comentários racistas não são incidentes isolados, mas manifestações de uma cultura de silenciamento e normalização do racismo. O INADI emergiu de um contexto histórico marcado por variados episódios de racismo, tanto na Argentina como fora dela e como uma resposta à inúmeras pressões internacionais. Esses episódios levantaram discussões sociais e políticas que culminaram com a criação, em 2021, de um documento com a normativa do INADI.

⁴³ A comunidade afrodescendente argentina, composta por mais de dois milhões de pessoas descendentes de africanos e africanas trazidos como mão de obra escravizada para o que hoje é o nosso país, tem sido historicamente invisibilizada, negada e tratada como estrangeira, resultado do racismo estrutural que atua na Argentina. Sem dúvida, a criação da Comissão para o Reconhecimento Histórico da Comunidade Afroargentina não apenas contribui para desnaturalizar as práticas racistas estruturais, mas também se mostra uma ação apropriada do Estado, fornecendo uma ferramenta de vital importância para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam o pleno exercício dos direitos dos membros dessa comunidade. (Pérez, 2021, p. 9, tradução nossa).

Enquanto órgão regulador e agente ativo, o INADI se esforça para promover uma Argentina diversa e igualitária, o que está longe de acontecer em face de todos os episódios de racismo veiculados nas redes sociais, jornais, entre outros, no entanto é um possível caminho para a mudança.

4.2 LA SOCIEDAD DE SOCORRO MUTUOS UNIÓN CABOVERDEANA DE DOCK SUD

Em meio ao coração de Avellaneda, Buenos Aires, Argentina, ergue-se um testemunho da resistência e da força da comunidade cabo-verdiana: a Sociedad de Socorro Mutuos Unión Caboverdeana de Dock Sud. Fundada em 1932, não só representa um marco para a comunidade cabo-verdiana na Argentina, como também ocupa um lugar de destaque na história global da diáspora de Cabo Verde, sendo uma das mais antigas associações de cabo-verdianos no mundo.

Según el documento del proyecto AECID (Documento CAP), los beneficiarios son la población afroargentina, compuesta por descendientes de africanos esclavizados, inmigrantes más recientes oriundos de África subsahariana y la población proveniente de Brasil, Uruguay, Perú y países del Caribe. Para los organismos, no habría poblaciones afroargentinas. El diagnóstico que se presenta extrapola a la Argentina la situación de los afros en América Latina, ya que no se cuenta con estadísticas nacionales que permitan caracterizarla. (Rodríguez; Surasky; Maffia, 2014, p. 176).

O surgimento desta sociedade foi moldado por uma conjuntura de adversidades. No início do século XX, muitos cabo-verdianos encontraram-se em terras argentinas buscando melhores oportunidades de vida, porém enfrentando inúmeros desafios, tanto econômicos quanto culturais. Foi em meio a essas dificuldades que a Sociedade nasceu, com o objetivo principal de oferecer apoio e solidariedade a seus membros.

Os serviços prestados por esta instituição foram cruciais para a sobrevivência e bem-estar da comunidade. Ela proporcionava serviços médicos, auxiliando aqueles que enfrentavam problemas de saúde e não tinham acesso a cuidados adequados. Os serviços fúnebres, por sua vez, garantiam que os membros da comunidade pudessem despedir-se de seus entes queridos com dignidade e respeito, independentemente de sua situação financeira.

Além de seu papel assistencial, desempenhou uma função vital na preservação da identidade cultural cabo-verdiana. Por meio de eventos, celebrações

e outras atividades culturais, a associação tornou-se um espaço onde os imigrantes e seus descendentes podiam reconectar-se com suas raízes, celebrar sua herança e transmitir suas tradições às gerações futuras.

El proyecto fue aprobado por la AECID, y el viernes 24 de octubre de 2008 se firmó el Acta de Acuerdo entre la Unión Caboverdeana y la AECID, con la presencia de Javier Calviño, Adalberto Días (cónsul honorario de la República de Cabo Verde en Argentina) y Luis Sagol, ex intendente de Avellaneda. A esa reunión asistieron representantes de la AECID, de la SSM/UC, de organizaciones de afrodescendientes y académicos. (Rodríguez; SURASKY; Maffia, 2014, p. 176).

Hoje, ao olhar para a trajetória da Sociedad de Socorro Mutuos Unión Caboverdeana de Dock Sud, percebe-se não apenas a história de uma associação, mas a narrativa de uma comunidade que, apesar de ter sido invisibilizada ao longo dos anos pela sociedade e governos da Argentina, apoiou-se mutuamente e manteve viva a cultura e a identidade africana na diáspora. Em um país racista e extremamente preconceituoso, essa sociedade permanece como um símbolo de resistência e orgulho cabo-verdiano.

4.3 LA CASA DE CULTURA INDOAFROAMERICANA DE SANTA FÉ

A Casa de Cultura Indo Afro Americana "Mario Luis López" (CCIAA) tem um papel fundamental na Comunidade Afroargentina e no combate ao racismo sistemático existente nessa sociedade, tendo em vista que por ser um país constantemente visto como uma nação de herança majoritariamente europeia, possui, na realidade, raízes culturais e étnicas africanas também.

Figura 16 – Lucía Molina – Fundadora da Casa de Cultura Indo Afro Americana “Mario Luis López” em Santa Fé – Argentina



FONTE: TESOURO, Martín. Agencia Paco Urondo. (2021)

A presença afroargentina, sempre invisibilizada na narrativa histórica predominante, foi e tem sido uma parte integrante da formação sociocultural do país. No entanto, o racismo sistemático tem sido uma constante na vida dessa comunidade. Nesse contexto, instituições como a Casa de Cultura Indo Afro Americana "Mario Luis López" (CCIAA) em Santa Fé tornam-se baluartes essenciais na preservação, celebração e promoção dos direitos e da herança afroargentina.

Sus acciones colectivas se fueron estructurando a lo largo de más de veinte años, fundamentalmente en torno a una serie de propósitos plurales: la lucha contra el racismo y la discriminación, a favor de la visibilización y el derecho a la diferencia. Los fines que se propusieron los llevaron adelante a través de diferentes medios, organizando y participando en conferencias, charlas, congresos, reuniones, conmemoraciones, festivales artísticos, obras de teatro, exposiciones, escritos en diarios revistas y libros, edición de boletines. Las estrategias desplegadas anclaron algunas en el campo de las relaciones locales y otras en el más amplio de las relaciones transnacionales principalmente regionales (Estados Unidos, Puerto Rico, Chile, Uruguay, Brasil, entre otros países). Algunas de las acciones puestas en marcha generaron situaciones que dieron lugar a tensiones y conflictos propios de la dinámica de un grupo en interacción con otros. (Zubrzycki; Maffia, 2014, p. 138).

Fundada por Lucía Dominga Molina Sandez, natural de Santa Fé, a CCIAA é uma homenagem a Mario, que não apenas a ajudou a fundar o espaço, mas também foi um companheiro de vida. O espaço não é apenas físico, mas um lugar simbólico

de resistência, memória e luta pela igualdade racial. Sua fundação, no final dos anos 1980, representou um marco na busca por um espaço onde história, cultura e contribuições afroargentinas pudessem ser celebradas e estudadas sem preconceito.

A casa tem uma função extremamente importante no que diz respeito a preservação da Memória e da Herança Cultural, uma vez que a propagação de informação, a educação e o conhecimento são ferramentas poderosas no combate ao racismo. Muitos argentinos desconhecem a profundidade da influência africana em sua cultura, desde a linguagem, a música, a dança até a gastronomia. A CCIAA serve como um centro educacional ao proporcionar cursos, oficinas, palestras e eventos que destacam e celebram a diversidade cultural afroargentina. Além disso, serve também como um meio de empoderamento da comunidade afroargentina ao promover, – além da educação cultural por meio de iniciativas de formação, liderança e organização comunitária –, o fortalecimento da voz da comunidade afroargentina, permitindo que suas demandas, desafios e aspirações sejam ouvidas em esferas mais amplas da sociedade.

Em uma nação onde o racismo, muitas vezes, opera nas sombras, lugares como a CCIAA são essenciais para trazer luz à diversidade, riqueza e força da herança afro na Argentina. Seu papel na preservação da memória, no empoderamento da comunidade e no combate ao racismo sistemático é inestimável, servindo como um lembrete contínuo da luta e do legado da população negra na Argentina.

CAPÍTULO 5 – REFLEXÕES SOBRE AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESPANHOLA E ALGUMAS PROPOSTAS

Este capítulo da dissertação integra um corpo de estudos voltado para a complexa questão das relações étnico-raciais e sua influência na formação de professores de Língua Espanhola que atuarão na Educação Básica. Esses Estudos tiveram início durante as disciplinas de formação de professores ofertada pelo programa de mestrado da UEPG e durante a disciplina de Vozes contra-hegemônicas, ofertada pela professora Clóris Porto na UFPR. A partir de então, surgiu a preocupação com a formação de professores de uma Língua colonialista e racista e o questionamento de como mudar esse panorama que já está posto.

Como ponto de partida, foi necessário compreender que a disseminação do espanhol na América Latina, por meio da colonização, foi uma imposição cultural e linguística e que deixou marcas profundas na forma como usamos e percebemos a língua. Não há como negar que o conhecimento, em sua construção e transmissão, foi moldado por visões eurocêntricas que marginalizaram saberes e perspectivas de grupos não brancos. Tudo isso, contribui para a perpetuação de hierarquias epistemológicas que desvalorizaram tradições e conhecimentos, principalmente dos povos afro/ africanos, foco desta pesquisa, auxiliando ainda mais na persistência do racismo que é alimentado por uma lógica profundamente enraizada na colonialidade. A hegemonia branca e a marginalização dos negros continuam a moldar as relações sociais e econômicas na Argentina, criando desigualdades sistêmicas que persistem mesmo em contextos de aparente mudança, conforme relatei no capítulo seis. Para Mignolo (2017):

Vamos tomar o exemplo da língua, do conhecimento, do racismo, da autoridade e da economia criando nós histórico-estruturais heterogêneos, que se transformam embora permaneçam mantendo a lógica da colonialidade: o contexto e o conteúdo mudam, porém, a lógica continua. Já argumentei esse ponto muitas vezes no passado. Seguindo a declaração de Quijano, de que o eurocentrismo é uma questão não de geografia, mas de epistemologia, apoiei esse ditado com a observação de que o conhecimento ocidental é fundamentado em duas línguas clássicas (grego e latim) e se desdobrou nas seis línguas europeias modernas/coloniais e imperiais: o italiano, o espanhol e o português (as línguas vernáculas do Renascimento e do fundamento inicial da modernidade/colonialidade) [...] (Mignolo, 2017, p. 12).

Assim, segundo o autor, embora o contexto e os detalhes dessa lógica da colonialidade possam mudar ao longo do tempo, ela persiste, moldando a Língua, as estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas. Não podemos mudar a Língua falada por mais de quinhentos milhões de pessoas no mundo, mas podemos reconhecer essa persistência, buscar formas de mudar o modo como percebemos e como ensinamos a língua.

Para que essa mudança ocorra, tomamos como base a Lei 10.639/03 que, ao exigir o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino fundamental e médio, ressalta a relevância da formação de professores ser vista como instrumento para a desconstrução de concepções historicamente constituídas e que necessitam ser reexaminadas e compreendidas dentro do contexto pós-colonialista contemporâneo.

Portanto este capítulo tenta trazer ideias para trabalhar a cultura afroargentina nas aulas de Língua Espanhola partindo de uma perspectiva decolonial. Vale ressaltar que não se trata de uma sequência didática e sim de possibilidades de conectar a Língua e a questão afro, que podem ser ampliadas posteriormente.

5.1 AS LEIS 10.639/03 e 11.645/08 COMO FUNDAMENTO PARA O ENSINO ANTIRRACISTA DE LÍNGUA ESPANHOLA NO CONTEXTO ARGENTINO: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E PROMOVEDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL

A Lei 10.639/03 foi sancionada em 9 de janeiro de 2003 e determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Educação Básica e foi substituída pela 11.645/08 a qual incluía o ensino de história e cultura indígena em seu texto, neste trabalho o foco se desloca para a cultura afro e africana, em nenhum momento há intuito de desmerecer a cultura indígena. Compreende-se então, que ao reconhecer a importância e valorizar a história e cultura afro, a lei se posiciona como um marco na luta antirracista no cenário educacional atual, pois através dela é possível pautar discussões sobre as manifestações de racismo – seja ele estrutural, ambiental, recreativo, institucional ou linguístico – que permeiam as sociedades. Ao promover um olhar crítico-reflexivo sobre o racismo, oferece uma possibilidade pedagógica para o ensino de Língua Espanhola. No contexto que aqui tento delinear, trato do ensino voltado para o contexto argentino, tendo em conta que essa sociedade historicamente tem negado e silenciado as

contribuições afrodescendentes em sua construção. Logo, é importante que a formação de professores de LE incorpore essa lei como eixo norteador, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural, linguística e étnica que são intrínsecas à língua.

A legislação busca superar o eurocentrismo presente no currículo escolar e universitário e promover a construção de uma identidade plural, que valorize a diversidade. Isso torna, portanto, o ensino da história e cultura afro uma ferramenta importante para desconstruir estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. Para Couto (2018):

[...] o enfoque cultural seria um movimento de valorizar a cultura no ensino de Línguas, considerando que língua e cultura não se separa, de modo a promover diálogo, interação e integração com o diferente, o outro, o estrangeiro. E essa aula intercultural, ao mesmo tempo que abre possibilidade de visão e compreensão desse outro (que pode ser diferente, mas também pode não ser tão diferente assim), permite que os envolvidos nos processos de ensino aprendizagem de voltem a si mesmos e reflitam sobre as próprias culturas. (Couto, 2018, p.41).

Seguindo as ideias da autora, é perceptível que o espanhol falado na Argentina (castelhano), embora tenha sofrido influências da comunidade negra que ali viveu, nega essa influência e ainda carrega conotações pejorativas em palavras de origem negra/africana (conforme vimos com o caso de palavras analisadas no capítulo três), evidenciando um racismo que, além de cultural e estrutural, manifesta-se linguisticamente. Este racismo linguístico, em particular, é uma manifestação frequentemente subestimada do racismo, mas que implica consequências profundas, sobretudo no contexto educacional. Sendo assim, o ensino de espanhol não pode ser dissociado dessa realidade. De acordo com as ideias de Couto (2018), o enfoque cultural é de suma importância para a compreensão da língua enquanto instrumento de interações sociolinguísticas que facilitam as mudanças semânticas que aqui analisamos.

Assim, a aplicação da Lei 106389/03 torna-se uma estratégia valiosa, servindo como alicerce para o ensino antirracista de L.E. Além de abordar a influência afro na língua, é necessário problematizar as conotações racistas presentes em certas expressões, promovendo reflexões críticas entre os estudantes e incentivando a valorização e o respeito pela diversidade linguística e cultural.

5.2 CRIANDO OUTRA NARRATIVA

É possível partir da expressão “aqui não há negros”, ouvida constantemente e muito discutida nessa dissertação, para se construir uma outra narrativa. Essa expressão, de fato, ilustra a persistência de estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade argentina, que negam e minimizam a presença negra no país. Então, ao invés de perpetuar essa narrativa excludente, podemos explorar e ampliar uma perspectiva oposta.

A Argentina teve, em um determinado momento, boa parte de sua população composta por pessoas negras, no entanto elas nunca aparecem nas narrativas, nós estamos revivendo-as agora. Por meio da página do Facebook do Arquivo Geral da Nação (*Archivo General de la Nación*), criada em 16 de junho de 2010 que consta com mais de quinhentos mil seguidores, pude encontrar algumas pessoas negras que foram registradas ao longo do tempo e que vão de encontro à narrativa difundida por muitos argentinos. Boa parte das imagens foram publicadas pela revista *Caras y Caretas*, que circulou e teve seu maior êxito na Argentina entre os anos de 1898-1939. A revista era semanal e se auto definia festiva, literária, artística, atual e retratou todos os acontecimentos de importância política, social e cultural da época. As figuras que seguem podem servir como base de introdução para a mudança no enredo hegemônico perpetuado pelos europeus.

A figura (17), a seguir, é de uma mulher negra que emergiu no cenário jurídico da Argentina como uma especialista em justiça de paz e acusações no âmbito criminal. Sua trajetória é marcada pela intensidade e determinação com que enfrentou e desafiou as estruturas racistas institucionais estabelecidas na época. Ela não hesitou em abrir demandas contra instituições, policiais, igreja e jornalistas que perpetuavam práticas e discursos racistas e violentos, desafiando não apenas a ordem social, mas também a influência religiosa na sociedade. Hoje, Florentina F. de Cruela é pouco ou nada lembrada na sociedade argentina e, na pesquisa para este trabalho, poucas informações foram encontradas. Na ocasião da imagem publicada na edição nº 665 de 1º de julho de 1911, apenas há a informação da morte dela aos 76 anos. Não há resultados precisos sobre a data de nascimento.

A inclusão da história de mulheres negras no ensino de Língua Espanhola no contexto argentino assume importância fundamental para enriquecer a compreensão da diversidade étnica e cultural intrinsecamente associada ao processo educacional

linguístico. Ao disseminar relatos das experiências de mulheres negras que resistiram ao racismo, não apenas se realça sua contribuição substancial na formação da identidade argentina, mas também se reivindica o papel histórico desempenhado por indivíduos afrodescendentes na construção dessa sociedade. Tal prática, portanto, viabiliza a ressignificação das narrativas historicamente apagadas, promovendo uma visão mais completa e equitativa da história e da cultura.

FIGURA 17 – Florentina F. de Cruela



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2023)

5.3 RECRIANDO HISTÓRIAS: UMA NOVA NARRATIVA

A reflexão sobre a presença afrodescendente na Argentina suscita uma questão intrigante: se historicamente se afirmou que não havia negros na Argentina, quem são, afinal, essas pessoas que aparecem nas imagens que seguem? Elas foram sistemática e injustamente invisibilizadas e apagadas da história ao longo do tempo. Essa pergunta intriga e revela a necessidade de resgatar as vozes silenciadas pela persistência do racismo e da negação de suas contribuições para a história e a cultura do país.

Em sala de aula, é possível abordar essa questão de forma construtiva, criando narrativas em Língua Espanhola de histórias que resgatam essas pessoas marginalizadas e apagadas da história oficial. Essa abordagem pedagógica não apenas enriquece o conhecimento dos alunos, mas também serve como um ato de justiça histórica, promovendo a visibilidade e o reconhecimento da herança afrodescendente na Argentina. Além disso, essas histórias não apenas desafiam a narrativa hegemônica da ausência de negros, mas também fornecem um contexto mais amplo para compreender a diversidade étnica e cultural que existe no país. Ao criar essas narrativas, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre a importância da inclusão, do respeito pela diversidade e da justiça social, além de praticar a LE. Isso não apenas amplia seu entendimento da história, mas também possibilita observar a importância de se ter uma história.

Outra atividade interessante que se pode fazer em sala de aula é entrar na página das imagens, explorar e fazer a análise dos comentários, aproveitando que estão em espanhol. É importante salientar que os comentários podem fornecer uma visão das atitudes e percepções das pessoas em relação ao tema. Os alunos podem analisar esses comentários à luz do conteúdo discutido em sala de aula, observando se eles refletem racismo, estereótipos, preconceitos ou se reconhecem a importância da diversidade étnica e cultural existente no país.

As imagens que seguem se referem à população afroargentina do século XX e foram coletadas a partir da página oficial do "Archivo General de La Nación Argentina" no Facebook. Elas representam um fragmento crucial da diáspora africana na Argentina, proporcionando um vislumbre sobre a comunidade negra que, embora tenha desempenhado papéis fundamentais na construção sociocultural do país, historicamente foi marginalizada e frequentemente omitida dos discursos históricos

predominantes. O corpus imagético selecionado revela não apenas a presença, mas também a contribuição significativa de indivíduos afroargentinos na construção social, econômico e cultural do país ao longo do século passado.

FIGURA 18 – Angélica Rodrigues



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina. (2020)

LEGENDA: Pouco se sabe sobre esta mulher que nasceu na Argentina, em Santo Tomé, Corrientes e viveu no Brasil, segundo dados do Arquivo Geral da Nação Argentina. A imagem é da revista “Caras e Caretas” n° 958 de 10 de fevereiro de 1917.

FIGURA 19 – A Tia Rosa



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2022)

LEGENDA: Uma senhora de 133 anos, vendedora de empanadas e alfajores em Buenos Aires em 1902, fotografia publicada na revista "Caras y Caretas" edição n° 209, 4 de outubro de 1902.

FIGURA 20 – Senhor Mariano Miranda: Calouro da Universidade de La Plata, 1914



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2022)

FIGURA 21 – Os Meninos de Nuñes Mostrando que Gostam de Laranja



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina. (2022_

FIGURA 22 – Augusto Chalmont



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2021)
LEGENDA: Publicado na Revista Caras Y Caretas em 1914.

Em suma, o questionamento "quem são essas pessoas?" nos convida a repensar e acreditar na possibilidade de outra narrativa e reconstruir a história, começando por criar nos estudantes a noção da necessidade de inclusão na educação e na sociedade em geral. Por meio da criação de histórias e da reflexão crítica, podemos dar voz àqueles que foram marginalizados e, assim, promover uma compreensão mais completa e respeitosa da herança afrodescendente na Argentina. Conseqüentemente, essa prática contribui para a formação de uma consciência crítica sobre o racismo e o preconceito na sociedade, incentivando uma postura reflexiva e inclusiva no âmbito linguístico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intuito inicial comprovar e analisar o racismo existente na Argentina através da linguagem. O ponto de partida foi a expressão “aqui não há negros”, utilizada com frequência no país. Ao final desta dissertação, a conclusão é de que a Argentina é um país racista.

Com relação às perguntas desta pesquisa, não há dúvidas de que a perpetuação da ideia de que "não há negros" na Argentina desempenha um papel crucial na invisibilização e marginalização da população afroargentina, tanto em seu contexto histórico quanto na cultura contemporânea do país. Historicamente, essa concepção contribuiu para uma narrativa nacional que exaltava predominantemente a herança europeia e negava, portanto, as contribuições significativas e a presença dos afroargentinianos na formação sociocultural e histórica da nação. Ao sustentar essa ideia, fortaleceu-se uma imagem eurocêntrica e hegemônica, que fez o desfavor de minimizar e apagar a diversidade étnica e cultural existente.

Na cultura contemporânea, essa invisibilização se manifesta desde a educação formal, onde a contribuição dos afroargentinianos raramente é abordada, até nas representações midiáticas, que frequentemente omitem ou estereotipam a identidade afroargentina. Além disso, a perspectiva eurocentrada, também influenciou políticas públicas e práticas sociais, levando a comunidade negra a um desamparo institucional e a restrição de seu acesso a direitos e oportunidades de maneira plena. Segundo texto do INADI, que foi fechado pelo presidente atual Javier Milei:

Como mencionamos antes, el Plan Nacional contra la Discriminación desarrolló una serie de propuestas para subsanar los efectos del racismo en nuestro país. En el área de educación, lamentablemente, las recomendaciones no son suficientes ya que se centran en la investigación y en la capacitación de docentes y empleados de la administración pública en cuestiones de discriminación, y no en la investigación del pasado y presente de la población afro. Más aún, la Ley de Educación Nacional de 2006 no incluye a los/las afrodescendientes en la lista de contenidos educativos prioritarios a nivel nacional, obligatorios para todas las jurisdicciones del país (por ejemplo, diversidad cultural de los pueblos indígenas y sus derechos), ni propone trabajar por una “presentación cuidada de la historia nacional” que incluya a los y las afrodescendientes (propuesta n°17 del mencionado Plan). No se menciona a los/ las afrodescendientes en ninguna parte del texto de la ley. El Estado no provee estadísticas en materia educativa para la población afrodescendiente. Por el trabajo en red de las organizaciones de la sociedad civil sabemos que el acceso a la educación terciaria y universitaria para los y las afrodescendientes es escaso. (INADI, 2005, p. 92)⁴⁴.

⁴⁴ Como mencionamos antes, o Plano Nacional contra a Discriminação desenvolveu uma série de

Em um plano mais amplo, ao não reconhecer e valorizar a presença afroargentina, o país nega a si mesmo e obriga pessoa negras lutarem por si mesmos. Ainda, as expressões racistas que permeiam o cotidiano argentino e que encontraram um novo veículo de disseminação nas redes sociais são reflexo e, simultaneamente, reforço de noções persistentes sobre raça e hierarquia. Essas expressões, muitas vezes consideradas inofensivas ou tradicionais por uma parcela da população, na realidade, perpetuam estereótipos e preconceitos históricos e uma visão hierarquizada e eurocêntrica.

No contexto contemporâneo, as redes sociais se tornaram um espaço onde essas expressões e atitudes racistas são amplificadas. Em vez de desafiar e desconstruir preconceitos, muitas vezes essas plataformas servem para reiterar e normalizar discursos discriminatórios. Além disso, a natureza viral e imediatista das redes sociais pode intensificar a propagação de estereótipos, consolidando ainda mais essas percepções distorcidas na mentalidade coletiva. Essas expressões não são meramente palavras ou frases isoladas; elas carregam consigo o peso de estruturas históricas e sociais profundamente enraizadas e ao serem repetidas e normalizadas, reforçam a noção de que certos grupos são inerentemente superiores ou mais valiosos do que outros na sociedade argentina, perpetuando divisões e desigualdades que têm implicações profundas para as comunidades afroargentinas.

Pensando no contexto educacional da Argentina, há que se levar em consideração o importante e fundamental papel da educação na formação da consciência social e na promoção da igualdade racial, a educação pode ser um instrumento poderoso para combater o racismo e promover o reconhecimento das contribuições dos negros, tanto nos processos de constituição da nação, quanto no

propostas para remediar os efeitos do racismo em nosso país. Na área da educação, infelizmente, as recomendações não são suficientes, pois se concentram na pesquisa e na capacitação de professores e funcionários da administração pública em questões de discriminação, e não na investigação do passado e presente da população afro. Além disso, a Lei de Educação Nacional de 2006 não inclui os afrodescendentes na lista de conteúdos educativos prioritários a nível nacional, obrigatórios para todas as jurisdições do país (por exemplo, a diversidade cultural dos povos indígenas e seus direitos), nem propõe trabalhar por uma "apresentação cuidadosa da história nacional" que inclua os afrodescendentes (proposta nº 17 do mencionado Plano). Os afrodescendentes não são mencionados em nenhuma parte do texto da lei. O Estado não fornece estatísticas educacionais para a população afrodescendente. Pelo trabalho em rede das organizações da sociedade civil, sabemos que o acesso à educação terciária e universitária para os afrodescendentes é escasso. (INADI, 2005, p.92, tradução nossa).

âmbito cultural e linguístico. Para tanto é essencial que os currículos escolares abordem de forma abrangente e profunda a história e a cultura afroargentinas, isto implica não apenas o reconhecimento do legado africano na formação da nação, mas também a inclusão de estudos sobre a diáspora africana, sobre o impacto da escravização e sobre as contribuições contínuas da comunidade afroargentina em diversos setores da sociedade, bem como a existência e resistência negra na atualidade e os privilégios da branquitude.

Além disso, a formação de professores e educadores deveria incluir uma forte ênfase na educação antirracista e multicultural, pois essa ideia de homogeneidade racial extrapola o ambiente escolar (eu mesma já ouvi cidadãos formados repetindo essa balela). Isto envolve o desenvolvimento de competências interculturais, a capacidade de abordar questões de raça e etnia de maneira inteligente e informada, e a promoção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. Educadores preparados para lidar com essas questões podem influenciar positivamente as atitudes e percepções dos alunos, desafiando estereótipos raciais e promovendo uma cultura antirracista em um país racista.

No que se refere à existência e à reexistência negra na Argentina, os movimentos afroargentinos têm desempenhado um papel fundamental na influência e transformação da cultura e sociedade, particularmente na quebra do silêncio sobre o racismo e na promoção de uma narrativa decolonial, antirracista e inclusiva. Esses movimentos, surgidos em resposta à invisibilidade histórica e à marginalização da comunidade afroargentina, têm buscado ativamente reconhecimento e representação em diversas esferas da sociedade argentina. Uma das áreas mais impactadas por esses movimentos é a cultural, na qual a celebração das tradições afroargentinas, – seja na música, na dança, na culinária ou nas artes –, tem ganhado cada vez mais visibilidade. A inclusão dessas expressões culturais em festivais e eventos nacionais não apenas enriquece o panorama cultural do país, mas também educa o público mais amplo sobre a rica herança africana.

Esses movimentos têm sido cruciais na luta contra o racismo estrutural que assola o país há séculos, pois têm promovido a conscientização sobre questões de discriminação racial e incentivado o debate público sobre a igualdade racial. Isso inclui a pressão por políticas de inclusão e representatividade em instituições governamentais, educacionais e no setor privado. Essas ações visam não apenas combater o preconceito e a discriminação, mas também garantir que as vozes

afroargentinas sejam ouvidas e consideradas nas decisões que afetam a sociedade como um todo.

Além disso, os movimentos têm utilizado eficazmente as plataformas digitais e as redes sociais para ampliar sua voz, denunciar o racismo e alcançar um público mais amplo. Essa abordagem digital tem sido fundamental na disseminação de informações sobre a história afroargentina e na conscientização sobre questões de racismo e inclusão.

No que se refere à lei 23.592, sancionada em 1988, e à criação do INADI (Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo), há que se considerar que eles representaram um marco significativo na legislação argentina no que tange a abordagem de atos discriminatórios e racismo. No contexto sul-americano, marcado por transições democráticas e reconfigurações sociais, denota um avanço formal no reconhecimento dos direitos e da dignidade de todos os cidadãos, independentemente de sua origem, cor, religião ou qualquer outra característica, ainda assim, apesar da existência da lei desde 1988 e da criação do INADI em 1995, o país enfrenta consideráveis desafios no combate à discriminação.

Portanto, não basta apenas codificar direitos e proibições em um documento legal. A efetivação desses preceitos exige estratégia educacional contínua. Logo, fica evidente que há uma lacuna entre a criação de leis e institutos e a implementação de políticas educacionais e de conscientização que efetivamente promovam uma mudança de mentalidade e comportamento da população argentina.

Em suma pode-se tomar como conclusão deste trabalho que a educação é, sem dúvida, o pilar central para a desconstrução de uma sociedade racista. A mera existência de uma lei não garante sua eficácia na prática cotidiana se não for acompanhada de estratégias educacionais persistentes. Certamente pode-se considerar um passo importante, mas ainda há muito a ser feito na parte legal relacionada ao racismo na Argentina.

REFERÊNCIAS

ACTOS DISCRIMINATORIOS. **Ley N° 23.592.** Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-23592-20465/actualizacion> Acesso em 15 set. 2023.

AGENCIA BRASIL. **Atlas da violência:** assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos. 27/08/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em: 28 set. 2022.

ANDREWS, George Reid. **América Afro-Latina, 1800-2000.** São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ANDREWS, George Reid. **The Afro-Argentines of Buenos Aires, 1800-1900.** Buenos Aires: Ediciones de la Flor S.R.L., 1989.

ALKMIM, TANIA. BORBA, LILIAN. COOLL, MAGDALENA. **Léxico de origen africano en el portugués de Brasil y en el español del Uruguay:** historias de encuentros y desencuentros. Universitatis Stockholmiensis, Acta Universitatis Isstockholmiensis, 2012.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Universidade de Brasília. Vol. 33, pp. 1-7. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbYDXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 set. 2023.

ARGENTINA. **Inadi.** Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/inadi>. Acesso em: 15 set. 2023.

ARGENTINA. **La Legislatura de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires.** Ley n. 5.261, contra la discriminación. BOCBA, n. 4655, Buenos Aires, 10 jun. 2015. Disponível em: <https://boletinoficial.buenosaires.gob.ar/normativaba/norma/281359> Acesso em: 12 jan. 2022.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Cómo se festejan las fiestas patrias en los barrios porteños.** Disponível em: <https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/photos/a.141923792499512/5461010177257487/?type=3>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **"La negra" Florentina.** 18 jan. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=550310197136621&set=pb.100064729354572.-2207520000&type=3>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Angélica Rodríguez, centenaria, hija de madre africana...** 8 dez. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=5051348208223688&set=a.141923792499512>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **La tía Rosa, de 133 años**. 22 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/posts/5642877119070791/?locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Señor Mariano Miranda**. 22 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=336858135148496&set=pb.100064729354572.-2207520000&type=3&locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Los muchachos llegan a Nuñez**. 20 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=335776655256644&set=pb.100064729354572.-2207520000&locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Augusto Chalmont**. 9 ago. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/photos/pb.100064729354572.-2207520000/6375266085831887/?type=3&locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Fallece Mercedes Sosa**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=706393331528306&set=pb.100064729354572.-2207520000&type=3>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **José Lara de “124 años de edad”**. **Buenos Aires, 1904**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/photos/a.141923792499512/5591995627492274/?type=3>. Acesso em: 01 março 2024.

ARREYES, Rodrigo. **O planeta das “negritas de 25 de mayo”**. Geledés, Instituto da Mulher Negra, 04 nov. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-planeta-das-negritas-de-25-de-mayo/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BBC BRASIL. **Documentos revelam lista de nazistas que viveram na Argentina após saquear bens de judeus**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51742307>. Acesso em: 02 out. 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

BORUCK, Alex. **Las rutas brasileñas del tráfico de esclavos hacia el Río de la Plata, 1777-1812**. Atlanta: Emory University, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONGREGO NACIONAL ARGENTINO. **Declaraciones, derechos y garantias.** Disponível em: <https://www.congreso.gob.ar/constitucionParte1Cap1.php>. Acesso em 28 set. 2022.

COUTO, L. P.; JOVINO, I. S.; MACIEL, D. T. E. **Livro didático de espanhol: a promoção de um ensino na perspectiva dos gêneros textuais e das africanidades.** Recife: Eutomia, vol. 1, 2013, p. 449-469.

COUTO, Ligia Paula. **Didática da língua espanhola no Ensino Médio.** São Paulo: Cortez Editora, 2018.

DBPEDIA. **Santiago de Liniers e Bremond.** Disponível em: https://dbpedia.org/page/Santiago_de_Liniers,_1st_Count_of_Buenos_Aires. Acesso em: 02 out. 2023.

DOMINGUEZ, Maria Eugenia. De negros a afro. Práticas culturais negras e elaboração de categorias étnico-raciais em Buenos Aires, Argentina. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 101–118, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/6297>. Acesso em: 5 mar. 2024.

EGGERS. Teresa Brass, Teresa. **História da argentina: uma mirada crítica (1806-2006).** Ituzaingó: Maipue, 2006.

ENEVAN, Édina Aparecida da Silva; JOVINO, Ione da Silva. Representações de mulheres numa coleção de livros didáticos de Espanhol/LE. **Journal of African and Afro-Brazilian Studies**, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/86189-353043-1-PB.pdf>. Acesso em 13 jan. 2023.

ESTADO ARGENTINO. **Provincia del Neuquén.** Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/neuquen>. Acesso em 15 jan. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FACEBOOK. **Quando você é Negro e acredita que tem direitos.** Disponível em: <https://www.facebook.com/search/posts?q=negrode%20mierda>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Não odeio quem recebe auxílio social.** Disponível em: <https://www.facebook.com/search/posts/?q=laburar%20como%20negro> Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Não vá se meter em confusão!** Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=618908673598917&set=a.465678758921910> . Acesso em: 29 fev. 2024.

FACEBOOK. **Isso é buscar confusão.** Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3632576610115960&set=a.220752471298408&locale=pt_BR Acesso em: 2 mar. 2024.

FACEBOOK. **Publicação sobre o roubo de uma moto.** Disponível em: <https://www.facebook.com/alan.aleman/posts/10153100446944367>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Publicação de um cantor famoso.** Disponível em: <https://www.facebook.com/andrescalamarooficial/posts/2948855498476013> Acesso em: 29 fev. 2024.

FACEBOOK. **Macri é Branco e tem Olhos Azuis.** Disponível em: <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/pb.100050502488981.2207520000/1850195205305723/?type=3>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100050502488981>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/a.1382651415393440/1504466843211896/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** Disponível em: <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/pb.100050502488981.-2207520000/1850195205305723/?type=3>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FERREIRA, A. de J. **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade.** Práticas pedagógicas, em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes Editores, 2012.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América.** Madri: Mapfre. 1993.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURTADO, Tatiana. **Atitudes das torcidas de Boca e River.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/atitudes-das-torcidas-de-boca-river-explicam-como-racismo-atua-na-sociedade-argentina-25492862>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GELEDES. **Maria Lamadrid.** 20/06/2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maria-lamadrid/>. Acesso em 27 mar. 2023.

GHIDOLI, María de Lourdes. **Esteretipos en negro: representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroporteños en el siglo XIX.** Rosario: Prohistoria, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar Edição do Kindle, 2020.

GROUSSAC, Pual. **Ublicación de Documentos Relativos al Río de la Plata con Introducciones y Notas en Anales de la Biblioteca.** Buenos Aires: Legare Street Press, volume IV, 1905, pág. 101.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

INADI. **El racismo estructural...** 2 jun. 2020. Facebook: @inadi. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10158280040108498&set=a.10151712624738498>. Acesso em: 29 fev. 2024.

INADI. **¿Cómo se puede cambiar aquello que no se menciona ni se visibiliza?** 11 jun. 2020. Facebook: @inadi. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10158309139723498&set=a.10151712624738498>. Acesso em: 29 fev. 2024.

KEINDÉ, Wlange; MELLO, Vitor Rebello Ramos. **Relações étnico-raciais na Argentina: história, desigualdades e resistência**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 349-371, nov. 2019/fev. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/40961>. Acesso em: 18 jan. 2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LA LEGISLATURA de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. **Ley n. 5.261**, contra la discriminación. BOCBA, n. 4655, Buenos Aires, 10 jun. 2015. Disponível em: <http://www2.cedom.gov.ar/es/legislacion/normas/leyes/ley5261.html>. Acesso em 12 jan. 2023.

LANCE. **Brasileiros acusam argentinos de racismo em rede social após título: 'E ainda tinha gente torcendo para eles'**. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/brasileiros-acusam-argentinos-racismo-rede-social-apos-titulo-ainda-tinha-gente-torcendo-para-eles.html>. Acesso em 28 set. 2022.

LAGUARDA TRÍAS, Rolando. **Afronegrismos rioplatenses**. Separata del Boletín de la Real Academia Española. Tomo XLIX, Cuaderno CLXXXVI. 1969. Disponível em: https://apps.rae.es/BRAE_DB_PDF/TOMO_XLIX/CLXXXVI/LaguadaTrias_27_116.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

LÓPEZ, Laura. **¿Hay alguna persona en este hogar que sea afrodescendiente?** Negociações e disputas políticas em orno das classificações étnicas na Argentina. Porto Alegre, BR-RS - Universidade do Rio Grande do Sul, 2005.

MAFFIA, Marta M.; TAMAGNO, Liliane E. **Indígenas, africanos y afrodescendientes en la Argentina: convergencias, divergencias y desafíos**. Ciudad Autónoma de Buenos aires: Biblos, 2014.

MAIDANA, Carolina; OTTENHEIMER, Ana Cristina; ZUBRZYCKI, Bernarda. **Estado y tratamiento de la diversidad etnorracial**. Los dispositivos de relevamiento de población indígena y afrodescendiente. Ciudad Autónoma de Buenos aires: Biblos, 2014.

MITROVICH, Valentina. **María Remedios del Valle, la capitana de la patria**. Disponível em: <https://casadelaindependencia.cultura.gob.ar/noticia/maria-remedios-del-valor-la-capitana-de-la-patria/>. Acesso em: 15 set. 2023.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Marta Joel Nemona. **Paradoxo Da Palavra “Negro” No Brasil**: Identidade social, injúria racial, violência simbólica. 2022. 141 f. – Dissertação (mestrado em Ciências Sociais da UFU) Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36012>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina, La Herido colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, Walter D.. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5540723/mod_resource/content/1/MIGNOLO%2C%20Walter.%20COLONIALIDADE%2C%20O%20lado%20mais%20escuro%20da%20modernidade.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine; LINERA, Alvaro Garda. **Interculturalidad, descolonizacion del Estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica retórica de la modernidad, lógica de colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MINTZ, Sidney W. **Cultura**: Uma Visão Antropológica. The Yale Review, XVII (4), 1982, p. 499-512. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/JwQBsjJNPtSGCvBHQc8wQXC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 set. 2022.

MOLAS, R. R. O negro na história Argentina (1852-1900). **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 4, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3225> Acesso em: 15 set. 2022.

MOURA, Clóvis. **Quilombos, Resistências ao Escravismo**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OGLOBO. **Racismo argentino**: O jornal de Buenos Aires que chamou jogadores brasileiros de macacos. 28/04/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/04/racismo-argentino-o-jornal-de-buenos-aires-que-chamou-jogadores-brasileiros-de-macacos.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ORSI, Guillermo Omar. Não há negros na Argentina”: o mito da homogeneidade racial argentina. **Simbiótica**, v.9, n.2, mai.-ago./2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/39249>. Acesso em: 5 mar. 2024.

PAIXÃO, Fernanda. **Afro-argentina María Remedios del Valle será 1ª mulher homenageada na Câmara do país**. 06 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/06/afro-argentina-maria-remedios-del-valle-sera-1-mulher-homenageada-na-camara-do-pais>. Acesso em 02 out. 2023.

PINTO, Carlos Felipe. O Papel do Negro na Formação do Espanhol Americano e Suas Possíveis Repercussões no Ensino de Espanhol Como Língua Estrangeira no Brasil. (No prelo).

REAL academia espanhola. **Lunfardo**. Disponível em: <https://dle.rae.es/lunfardo>. Acesso em: 5 mar. 2023.

REAL academia espanhola. **LABURAR**. Disponível em: <https://dle.rae.es/laburar>. Acesso em: 5 mar. 2023.

REVISTA caras y caretas. **Archivo de Redacción**. Disponível em : <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/ar-agn-isad-cyc01.pdf>
Acesso em 02 out. 2023.

RODRÍGUEZ, Pablo G.; SURASKY, Javier; MAFFIA, Marta M. **Organizaciones de la sociedad civil y agencias de cooperación internacional en la coproducción de una agenda nacional para afrodescendientes en la Argentina Reflexiones a partir de un proyecto AECID**. Ciudad Autónoma de Buenos aires: Biblos, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, Edição do Kindle.

TESOURO, Martín. **Lucía Molina y el orgullo de ser afroargentina**. Agencia Paco Uroondo. 18 Abril 2021. Disponível em: <https://www.agenciapacourondo.com.ar/cultura/lucia-molina-y-el-orgullo-de-ser-afroargentina>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TORRAGA, Tales. **"Macacos"**: Como jornal argentino se desculpou por capa racista na Olimpíada... UOL. 03/08/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/tales-torraga/2021/08/03/macacos-como-jornal-argentino-se-desculpou-por-capa-racista-na-olimpiada.htm>. Acesso em 29 fev 2024.

ONE times incere guy. **Isto é o que acredita o presidente da Argentina Alberto Fernández**. REDDIT: @OneTimeSincereGuy. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/nz3vxo/isto_%C3%A9_o_que_acredita_o_presidente_da_argentina/ . Acesso em: 29 fev. 2024.

WAINER, Luis E. **La Ciudad de Buenos Aires en los Censos de 1778 y 1810**. Población de Buenos Aires [en línea]. 2010, 7(11), 75-85. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74012783008>. Acesso em: 5 mar. 2024.

ANEXO A- RACISMO EM IMAGENS

FIGURA 1 – isto é o que acredita o presidente da Argentina Alberto Fernández



FONTE: REDDIT: @OneTimeSincereGuy (2021)

FIGURA 2 –Jornal argentino Olé e sua publicação racista contra brasileiros



FONTE: TORRAGA, Tales. "Macacos (1996).

FIGURA 3 – Torcedor do Boca Junior sendo preso por racismo em jogo de futebol no Brasil



FONTE: FURTADO, Tatiana. **Atitudes das torcidas de Boca e River (2022)**

ANEXO B - RESISTÊNCIA EM IMAGENS

FIGURA 1 – Cómo se festejan las fiestas patrias en los barrios porteños.



FONTE: Archivo General De La Nación Argentina No Facebook (1938)

FIGURA 2 – José Lara de “124 años de edad”.



FONTE: Archivo General De La Nación Argentina No Facebook Buenos Aires (1904)

ANEXO C - LISTA DE ASSOCIAÇÕES AFROARGENTINAS

ASOCIACIÓN ÁFRICA Y SU DIÁSPORA

ASOCIACIÓN AFROARGENTINA FLORENTINA F. DE CRUELA

ASOCIACIÓN AFROSANTIAGUEÑOS UNIDOS (SANTIAGO DEL ESTERO)

AGRUPACIÓN ENTRE AFROS (ENTRE RIOS)

ASOCIACIÓN TOMÁS B. PLATERO (LA PLATA)

CASA INDO-AFRO-AMERICANA MARIO LOPEZ (SANTA FE)

COFRADIA DE SAN BALTAZAR (CORRIENTES)

COMEDIA NEGRA DE BUENOS AIRES

DIAFAR – DIÁSPORA AFRICANA DE LA ARGENTINA ESPACIO MALCOLM

FESTIVAL AFROTANDIL

UNIÓN UNIVERSITARIA AFROARGENTINA